

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE LETRAS

O SUJEITO ANAFÓRICO ELÍPTICO EM LÍNGUA

ESCRITA

JOSÉ FERNANDES VILELA

— BELO HORIZONTE, 1988 —

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE LETRAS

O SUJEITO ANAFÓRICO ELÍPTICO EM LÍNGUA ESCRITA

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Linguística.

- Belo Horizonte, 1988 -

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE LETRAS

Dissertação apresentada à banca examinadora constituída dos seguintes professores:





Orientador :



Profa. Doutora Eunice S. L. Pontes

Em 25.11.88

Agradecimentos

Eunice Pontes: desprendimento, segurança e objetividade, ao orientar esta dissertação.

Beatriz Décat: dedicação e interesse na orientação, em caráter não-oficial, dos primeiros passos deste trabalho.

Eunice Nicolau: ajuda inestimável em momentos muito difíceis.

Beatriz, Anna Paula, Raphael: sabedoria de saber privar-se de minha companhia nos momentos mais cruciais. Raphael, solidariedade precoce.

Jorge Munhoz : eficiência e empenho na árdua tarefa de datilografia.

Valmiki V. Guimarães: cuidadoso trabalho de revisão.

SUMÁRIO

Esta dissertação tem como objeto de estudo a ocorrência do sujeito anafórico elíptico no português contemporâneo, em sua modalidade escrita.

São examinadas algumas afirmações, encontradas na gramática tradicional e na literatura linguística contemporânea, a respeito da elipse do sujeito em geral ou sobre o caso específico da elipse do sujeito anafórico.

O exame dessas afirmações e a análise dos dados que constituem o *corpus* desta pesquisa permitem a generalização de que é possível descrever o fenômeno aqui estudado em termos, unicamente, de máxima continuidade tópica.

Í N D I C E

	Página
CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO	01
1 - Objetivo.....	01
2 - O Corpus	02
3 - Alguns Procedimentos Metodológicos.....	03
3.1 - Tabelas	03
3.2 - Catalogação dos Textos Pesquisados.....	03
3.3 - Nomes Próprios.....	04
4 - Organização do Trabalho.....	04
CAPÍTULO II: CONCEITO DE ENDÓFORA, EXÓFORA, ANÁFORA E CATÁFORA.....	06
1 - Endófora e Exófora.....	06
2 - Anafora e catáfora.....	08
3 - Sujeito anafórico elíptico e sujeito anafórico pronominal.....	12
3.1 - Sujeito anafórico elíptico.....	12
3.2 - Sujeito anafórico pronominal.....	13
NOTAS	14
CAPÍTULO III: CONSIDERAÇÕES SOBRE A OCORRÊNCIA DE SAE E SAPRO.....	15
1 - A Questão da Ambigüidade.....	15
2 - Animação e Tipo de Oração	21
2.1 - Animação	21
2.1.1 - O fator animação.....	24
2.2 - Tipo de oração.....	26
2.2.1 - A análise de Lira(1982)	26
2.2.2 - SAE e tipo de oração.....	28

	página
3 - Continuidade Tópica.....	34
3.1 - Tópico e Elipse de Tópico.....	34
3.2 - Continuidade Tópica e Continuidade de Su- jeito.....	35
4 - Distância Formal de Co-referência.....	39
4.1 - Distância em Termos de Números de Orações	39
4.2 - Distância em Termos de Mesmo Período/Pe- ríodos Diferentes.....	47
5 - Tipo de Oração e Continuidade Tópica.....	53
6 - Conclusão.....	57
NOTAS	58
CAPÍTULO IV: CONTINUIDADE TÓPICA: A CONDIÇÃO BÁSICA	60
1 - As Três Formas de Realização do Sujeito Anafóri- co de Terceira Pessoa.....	60
1.1 - As Limitações do Sujeito Pronominal de Terceira Pessoa nas Mudanças de Tópico...	61
1.2 - A Escala de Continuidade Tópica.....	62
1.3 - Anáforas Lexicais.....	64
1.3.1 - Repetição.....	65
1.3.2 - Itens genéricos.....	67
1.3.3 - Sinônimos, para-sinônimos e super- ordenados.....	67
1.4 - A ocorrência de SAE, Sapro e SAlex no Cor- pus.....	69
2 - SAE, SAlex e Sapro na Escala de Continuidade Tô- pica.....	69
3 - Fatores Associados a Continuidade Tópica.....	74
3.1 - Distância do Antecedente em Número de Ora- ções.....	74

3.2 - Distância do Antecedente em Termos de Mes mo Período ou de Períodos Diferentes.....	78
4 - Continuidade Tópica e Organização Formal do Dis curso.....	80
4.1 - Posição da Oração no Período e Posição do Período no Parágrafo.....	80
5 - O Papel do Gênero Discursivo.....	87
5.1 - Continuidade/Descontinuidade de Gênero Discursivo.....	87
NOTAS.....	93
CAPÍTULO V: CONCLUSÃO.....	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	97
I - AUTORES CITADOS.....	97
II- TEXTOS QUE CONSTITUEM O CORPUS.....	99

ÍNDICE DE TABELAS

	Página
Tabela 1: Ocorrências de anáforas e catáforas de terceira pessoa e ocorrências de primeira e segunda pessoas.....	11
Tabela 2: Ocorrência de SAE e SApró.....	20
Tabela 3: Ocorrência de SAE e SApró, quanto ao fator animação.....	24
Tabela 4: Ocorrência de SAE e SApró, quanto aos fatos Oração coordenada I e Oração coordenada II	29
Tabela 5: Ocorrência de SAE e SApró, quanto ao fator Oração adverbial.....	30
Tabela 6: Ocorrência de SAE e SApró, quanto ao fator Oração relativa.....	31
Tabela 7: Ocorrência de SAE e SApró, quanto ao fator Oração principal.....	32
Tabela 8: Ocorrência de SAE e SApró, quanto ao fator Oração complemento.....	33
Tabela 9: Ocorrência de SAE e SApró, quanto ao fator Sujeito/não-sujeito da oração imediatamente anterior.....	38
Tabela 10: Ocorrência de SAE e SApró, quanto ao fator Distância do antecedente em número de orações.....	43
Tabela 11: Ocorrência de SAE e SApró, quanto ao fator Distância do antecedente em número de orações, sem cadeia anafórica.....	46
Tabela 12: Ocorrência de SAE e SApró, quanto ao fator Antecedente no mesmo período/em outro período.....	51

	Página
Tabela 13:Ocorrência de SAE e SApro, quanto ao fa tor Oração inicial/não-inicial.....	55
Tabela 14:Ocorrência de SAlex, SAE e SApro no cor pus.....	69
Tabela 15:Ocorrência de SAE, SApro e SAlex, quan to ao fator Continuidade de tópico.....	72
Tabela 16:Ocorrência de SAE, SApro e SAlex, quan to ao fator Distância do antecedente em número de orações.....	77
Tabela 17:Ocorrência de SAE, SApro e SAlex, quan to ao fator Antecedente no mesmo perío do/em outro período.....	79
Tabela 18:Ocorrência de SAE, SApro e SAlex, em o ração inicial/não-inicial de parágrafo	86
Tabela 19:Ocorrência de SAE, SApro e SAlex, quan to ao fator Oração inicial/não-inicial de gênero discursivo.....	91

CAPÍTULO I : INTRODUÇÃO

1 - Objetivo

Inicialmente, defini o objetivo desta dissertação como sendo a identificação dos fatores que favorecem a elipse do sujeito de um modo geral, em língua escrita. Posteriormente, verifiquei que a alta frequência com que ocorriam, no *corpus* utilizado, os sujeitos anafóricos — elípticos ou não — de terceira pessoa indicava serem estes os que mereciam um exame mais atento.

Foi, portanto, nos sujeitos anafóricos de terceira pessoa que concentrei toda a análise e o objetivo desta dissertação tornou-se, por conseguinte, o de estabelecer princípios que expliquem o fenômeno da elipse do sujeito anafórico de terceira pessoa, tomando-se como referência o português contemporâneo, em sua modalidade escrita.

Por merecerem um estudo à parte, foram excluídos da análise os casos de orações com verbo em forma infinita, SNs cujo *status* de sujeito é duvidoso, orações relativas cujo sujeito é o pronome relativo e casos em que o sujeito é parcialmente elidido e são retomados apenas seus determinantes.

A abordagem do tema pretende se apoiar nas evidências fornecidas pelo discurso e não em modelos teóricos de sintaxe sentencial. O ponto de partida da análise se constitui, por conseguinte, de textos efetivamente produzidos por brasileiros com escolaridade presumida de terceiro grau.

Espero, com este trabalho, subsidiar de alguma forma

o ensino do português escrito, seja como língua materna, seja como segunda língua.

2 - O Corpus

Na seleção dos textos que iriam constituir o *corpus* desta pesquisa, pesaram algumas considerações:

- a) Meu objetivo básico, aqui, é estabelecer princípios que expliquem a ocorrência de sujeitos elípticos de terceira pessoa em língua escrita, mas não necessariamente literária.
- b) Acredito que os escritores-literatos sejam potencialmente capazes de produzir um texto não-literário, mas receio que a recíproca não seja verdadeira: parece-me que nem todos os escritores não-literatos são capazes de produzir um texto literário razoável.
- c) Os textos literários disponíveis são de centenas de autores. Portanto, o ato de selecionar alguns desses textos e excluir todos os demais provavelmente já revelaria, da minha parte, uma certa discriminação, não desejável em trabalhos que se proponham ser científicos.

Essas considerações levaram-me a traçar um perfil de escritor, mais ou menos nos seguintes termos: o cidadão comum, que é eventualmente solicitado a produzir uma dissertação, uma descrição ou uma narração em língua escrita, por quaisquer circunstâncias. E o modelo de língua escrita que me parece

mais semelhante ao modelo de língua escrita do cidadão comum é o dos textos jornalísticos em geral.

Diante disso, selecionei textos jornalísticos, de natureza preponderantemente dissertativa, ou descritiva, ou narrativa, produzidos em Minas Gerais, no Rio de Janeiro e em São Paulo. As fontes utilizadas são os jornais "Estado de Minas", "Diário da Tarde", "Jornal do Brasil", "O Globo", "O Estado de São Paulo" e "Folha de São Paulo".

Foram selecionados, ao todo, 26 textos, correspondendo a cerca de 54 laudas datilografadas e distribuídas igualmente entre os três gêneros — dissertativo, descritivo, narrativo —, de modo que se tivesse aproximadamente 18 laudas de cada gênero.

Os textos foram quantitativamente selecionados, considerando-se as fontes: dos seis jornais pesquisados, foram utilizadas cerca de nove laudas de cada um.

3 - Alguns Procedimentos Metodológicos

3.1 - Tabelas

As tabelas com dados numéricos foram incorporadas ao próprio texto, a fim de facilitar ao leitor a consulta imediata.

3.2 - Catálogo dos Textos Pesquisados

Os textos que constituem o *corpus* utilizado na pesquisa receberam um número, seguido de uma inicial maiúscula que designa o gênero de texto: A, para textos Argumentativos

(dissertativos); D, para textos Descritivos; N, para textos Narrativos.

3.3 - Nomes Próprios

Vários nomes próprios citados nos textos jornalísticos que compõem o *corpus* foram substituídos por suas letras iniciais, por estarem associados a crimes, prisões, processos judiciais etc. Nos demais casos, são integralmente citados.

4 - Organização do Trabalho

No capítulo II, discuto a conceituação de anáfora e o sentido com que esse termo deve ser considerado nesta dissertação. Em seguida, explicito o que se entende, aqui, por sujeito anafórico elíptico e sujeito anafórico pronominal.

No capítulo seguinte, examino algumas afirmações encontradas nos gramáticos tradicionais, a respeito da elipse do sujeito anafórico e/ou exofórico, assim como procuro confrontar com os dados algumas conclusões expostas em Lira(1982), sobre o sujeito — anafórico ou exofórico — elíptico e pronominal. Verifico igualmente a possibilidade de considerar tópico e sujeito como entidades que se confundem e que podem, conseqüentemente, ser consideradas uma mesma coisa, para efeito da análise que proponho aqui. Examino também a concepção do parágrafo temático, exposta em Givón(1983) e que parece permitir que se relacionem à continuidade tópica fatores anteriormente vistos isoladamente.

O capítulo IV é dedicado à tentativa de se explicar a elipse do sujeito anafórico de terceira pessoa unicamente em

termos de continuidade tópica. São reexaminados, sob essa nova perspectiva, alguns fatores estudados no capítulo III bem como outros fatores ligados à organização textual.

O último capítulo contém um breve resumo das conclusões parciais obtidas no decorrer do trabalho, assim como a relação entre estas e aquele que parece ser o macro-fator que condiciona a elipse do sujeito anafórico: máxima continuidade tópica.

CAPÍTULO II: CONCEITO DE ENDÓFORA, EXÓFORA, ANÁFORA E CATÁFORA

1 - Endófora e Exófora

Costuma-se fazer a seguinte oposição entre os termos endófora e exófora (cf. Halliday & Hasan, 1976): um item cujo referente está explícito em algum ponto do próprio discurso constitui um caso de endófora; se o referente não vem explícito no discurso, mas pode ser interpretado a partir de conhecimentos extra-lingüísticos, estamos diante de uma exófora. A endófora é, portanto, um caso de referência textual; já a exófora é não-textual, pragmática.¹

São exemplos de endófora (01), (02) e (03):

(01) *Aparecida identificou o corpo que estava dentro da gaveta de uma geladeira do IML como sendo do seu filho, pela cicatriz que ele tem na mão esquerda, em consequência de um corte quando criança.*

(3 - N) (Grifos meus)

(02) *Segundo testemunhas, o maquinista do trem de Melun-Corbeil, que morreu no desastre, percebeu que Ø tinha um problema nos freios quando Ø entrava na estação(...)*²

(7 - N) (Grifos meus)

(03) *Pelos atributos que Ø tem de homem 'jovem e dinâmico', o Governador Orestes Quêrcia será um presidenciável 'fácil de trabalhar', na a-*

valiação do diretor da Brasmarket.

[5 - D] (*Grifos meus*)

Em (01), o antecedente de "ele" vem explícito no próprio discurso: "o seu filho". Em (02) e (03), o antecedente das elipses — marcadas com o símbolo \emptyset — também é expresso no próprio texto: respectivamente, "o maquinista do trem de Melun-Corbeil" e "o Governador Orestes Quêrcia". Todos esses, portanto, são casos de endófora.

Já em (04), ocorre exófora:

(04) *Ao anunciar ontem pela manhã o desfecho do assalto a Goio-Erê, o mais longo do País, o Governador Álvaro Dias enalteceu o trabalho da polícia.*

Em (04), o referente de "o País" não está explícito em nenhum ponto do texto. O que nos faz interpretá-lo como "o Brasil" são conhecimentos extra-lingüísticos, pois, em nenhum ponto do texto, ocorre o SN "o Brasil".

Em se tratando desses conhecimentos extra-lingüísticos, nem sempre é fácil distinguir, entre o contexto da situação e o conhecimento do mundo, qual desses dois elementos fornece a informação necessária para a interpretação de uma exófora, ou se é possível atribuir essa informação tanto ao contexto da situação quanto ao conhecimento do mundo. No entanto, o que nos interessa aqui é distinguir o que é textual do que é não-textual, independentemente de o não-textual fa-

zer parte do contexto da situação ou do conhecimento do mundo partilhado pelo escritor e pelo leitor.

2 - Anáfora e catáfora

Em sentido estrito, anáfora é o tipo de endófora cujo antecedente se encontra no discurso precedente. Catáfora é a denominação específica da endófora cujo antecedente se acha no discurso subseqüente. De (01), (02) e (03), citados na seção anterior, os dois primeiros são, portanto, exemplos de anáfora em sentido estrito, ao passo que (03) é um exemplo de catáfora.

A caracterização de anáfora e catáfora segundo as linhas do parágrafo precedente está exposta em Halliday e Hasan (1976). No entanto, em outros trabalhos, o sentido do termo anáfora e também de exófora diverge em relação ao sentido desses mesmos termos, quando empregados por Halliday e Hasan.

Em sentido amplo, o termo anáfora costuma ser usado para significar qualquer tipo de endófora, isto é, compreende tanto a anáfora em sentido estrito quanto a catáfora. Isso é o que faz Lyons:

Vamos aderir ao uso mais tradicional, segundo o qual 'anáfora' cobre tanto a referência anafóri-

ca normal 'para trás' quanto a referência anafórica menos normal 'para a frente', ou antecípatoria.

[Lyons, 1977:659, apud Fulgêncio, 1983:30]

Conforme se vê, Lyons chama a anáfora propriamente dita de "referência anafórica normal", enquanto a catáfora é considerada por ele "menos normal". Essa concepção, segundo a qual a anáfora, em sentido estrito, constitui a endófora geral, não-marcada, e a catáfora representa a endófora marcada, menos comum, está evidenciada no *corpus* que utilizo nesta Dissertação e, ao final deste capítulo, voltaremos a esse assunto.

Em sentido ainda mais amplo, anáfora pode significar tanto os dois tipos de endófora, mencionados acima, quanto exófora. Esta é a postura de Fulgêncio:

Como é bastante evidente, tanto as anáforas (no sentido de referência 'para trás') quanto as catáforas e as exóforas são manifestações de um mesmo fenômeno e, portanto, partilham de características bastante semelhantes que devem ser analisadas paralelamente, sob pena de se perder uma importante generalização. (...) Assim sendo, podemos tomar o termo 'anáfora' para se referir também a todos esses três tipos, dando-lhe um sentido mais geral e abrangente: (...)

[Fulgêncio, 1983: 29-30]

Em direção oposta, Vieira(1987) usa uma terminologia mais sofisticada, classificando os fenômenos como 'anáfora' e 'exófora', subclassificadas, por sua vez, em 'explícita' ou

'implícita':

- a) Anáfora explícita: corresponde aos casos de endófora mencionados acima.
- b) Anáfora implícita: corresponde aos casos de exófora para cuja interpretação é necessário algum conhecimento 'enciclopédico' ou 'específico' — usando-se os termos empregados pelo próprio autor.
- c) Exófora explícita: corresponde à exófora em que se pressupõe, além da competência linguística e do conhecimento 'enciclopédico' ou 'específico', o conhecimento do contexto da situação.
- d) Exófora implícita: corresponde aos casos de exófora em que a interpretação de um item implica, segundo o autor, o conhecimento do 'contexto cultural'.

A terminologia utilizada em Vieira(1987) tem, a meu ver, a seguinte desvantagem: como mencionei na seção anterior, nem sempre é fácil rotular o conhecimento extralinguístico — pragmático — como 'enciclopédico' ou 'específico', ou ainda 'do contexto cultural'. Da mesma forma, o conhecimento dado pelo contexto da situação, em relação a um falante, pode ser dado, em relação a outro falante, tanto pelo conhecimento 'enciclopédico' ou 'específico' quanto pelo próprio conhecimento do contexto da situação. Além disso, a natureza do conhecimento que não seja linguístico não afeta a descrição que pretendo fazer nesta dissertação, razão pela qual não há sentido em seguir, aqui, a terminologia usada em Vieira(1987).

Por outro lado, o fenômeno de cuja descrição pretendo dar conta, pelo menos parcialmente, neste trabalho, se restringe ao que Halliday e Hasan denominam anáfora, isto é, a anáfora em sentido estrito — referência normal 'para trás', nas palavras de Lyons. Portanto, não endosso, aqui, o termo anáfora tal como é utilizado por Lyons ou por Fulgêncio.

O motivo que me fez optar pelo tratamento específico das anáforas, em sentido estrito, foi basicamente o fato de ter encontrado no *corpus* um número expressivo de anáforas com referente de terceira pessoa. As ocorrências de primeira e segunda pessoas — tipicamente exofóricas — foram raras e as de catáfora, mais raras ainda. A tabela 1, abaixo, descreve quantitativamente as ocorrências de anáforas e catáforas de terceira pessoa, assim como as ocorrências de primeira e segunda pessoas — quase sempre exóforas:

Tabela 1

Ocorrências de anáforas e catáforas de terceira pessoa e ocorrências de primeira e segunda pessoas

Total de casos		Anáforas de 3 ^a pessoa		Catáforas de 3 ^a pessoa		1 ^a e 2 ^a pessoas	
Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
479	100	450	94	7	1	22	5

Conforme se observa, 94% das ocorrências são de anáforas de terceira pessoa, o que já justificaria tratar este trabalho apenas dessas ocorrências. Além disso, as ocorrências de terceira pessoa têm, pelo menos, três formas de realização, conforme veremos no capítulo IV; quanto às ocorrências de primeira e segunda pessoas, restringem-se a apenas duas formas de realização: o pronome ou a elipse. Esta é, a meu ver, mais uma razão para que sejam consideradas, neste trabalho, somente as ocorrências de elementos anafóricos de terceira pessoa: apresentam maiores possibilidades formais de realização e, portanto, necessitam de uma descrição mais detalhada.

3 - Sujeito anafórico elíptico e sujeito anafórico pronominal

3.1 - Sujeito anafórico elíptico

O sujeito anafórico elíptico, a que doravante me referirei como SAE -- considerado neste trabalho corresponde ao apagamento total de um item com função de sujeito. Em (04), tem-se um exemplo de SAE:

(04) *Na recente excursão do Brasil aos Estados Unidos e Cuba, Fernanda mais uma vez superou as expectativas do treinador da seleção e, além disso, Ø foi a melhor bloqueadora da Copa Cuba, (...)*

(4 - D) (Grifos meus)

Em (04), o sujeito de "foi a melhor bloqueadora..." — co-referente a "Fernanda" — foi totalmente elidido, constituindo-

se, pois, num caso de SAE.

3.2 - Sujeito anafórico pronominal

O que se considera, aqui, sujeito anafórico pronomi-
nal — doravante referido como S Apro — corresponde ao sujeito
anafórico realizado sob a forma de um pronome pessoal, como
em (05):

(05) *Isso demonstra o quanto o contribuinte não
está sabendo que a patada do Leão é maior
do que ele imagina.*

(2 - A). (Grifos meus)

Em (05), o pronome pessoal "ele", co-referente a "o contribuin
te", é um sujeito anafórico pronominal - S Apro.

NOTAS

- ¹ Não discuto aqui os conceitos de referente e antecedente de uma anáfora, porque, em primeiro lugar, tal discussão nos levaria provavelmente a considerações de natureza semântica, indesejáveis num trabalho restrito como este; em segundo lugar, meu objetivo é o de explicar a ocorrência das diversas formas de anáfora, e não a natureza do referente. Além disso, tenho visto trabalhos a respeito de referência anafórica, em que não se discutem esses conceitos, o que demonstra provavelmente ser árdua a tarefa de conceituar cabalmente esses termos.
- ² Na interpretação de (02), não considero a forma "tinha" como uma variante de "havia", por não ter encontrado, em nenhum dos outros 25 textos pesquisados, o emprego de "ter" como equivalente de "haver". Portanto, interpreto "tinha um problema nos freios" como "o maquinista do trem de Melun-Corbeil tinha um problema nos freios". Pode-se perceber aí um caso de metáfora — mais especificamente de metonímia —, bastante comum nos textos jornalísticos pesquisados. Veja-se outro exemplo: "Anteriormente, em 1983, o Governo proibiu a venda de armas, quando foi constatado que o regime do coronel Kadhafi violava o espaço aéreo do Brasil para entregar armamentos à Nicarágua". (1 - A)(Grifo meu).

CAPÍTULO III: CONSIDERAÇÕES SOBRE A OCORRÊNCIA DE SAE E SAPRO

Neste capítulo, são retomadas algumas afirmações encontradas na literatura lingüística, a respeito das condições em que ocorrem SAE e SAPRO.

A ordem em que estão dispostas as seções deste capítulo obedeceu à seguinte orientação: as duas primeiras tratam de parâmetros aparentemente relevantes para a análise, porém desligados, seqüencialmente, dos temas estudados nas seções seguintes. Nestas, analiso outros fatores que têm sido considerados condicionadores do fenômeno, todos interligados através dos traços Continuidade e Distância.

No estudo de alguns desses fatores, utilizo conclusões expostas em Lira (1982) — sobre sujeito pronominal e sujeito elíptico em língua oral —, a fim de verificar se os fatores que favorecem SAE ou SAPRO são comuns ao código oral e ao escrito.

Meu objetivo básico, neste capítulo, é constituir um conjunto de princípios capazes de permitir certas generalizações, que me parecem possíveis e que serão o objeto de estudo do capítulo seguinte.

1 - A Questão da Ambigüidade

Alguns gramáticos dizem que a interpretação de um sujeito elíptico se dá: (a) pela desinência verbal; (b) pelo contexto ou pela situação. Essas afirmações se encontram em Góis (1955: 74), Luft(1981: 25) e Melo(1968: 191-2).

Vê-se que se trata aí da constatação de que há dois

processos para se interpretar o sujeito elíptico — ou pela desinência, ou pelo contexto e a situação —, mas esses autores não explicam quais são as circunstâncias em que se usa um ou outro desses processos.

Cunha (1981) diz que o verbo pode não levar flexão de pessoa e que, nesse caso, tem de haver alguma indicação no texto, para que se possa interpretá-lo, quando se tratar de sujeito elíptico. Os exemplos dados por ele são de verbo no infinitivo não-flexionado e no pretérito imperfeito do indicativo:

a) Antes de comunicar-vos uma descoberta (...)

b) (...), enquanto esperava a chegada de João, estirei-me no sofá e adormeci.

(Cunha, 1981: 90)

É preciso observar, no entanto, que a falta de flexão não constitui, por si só, um problema. No presente do indicativo, por exemplo, não existe sufixo de terceira pessoa do singular, que é indicada exatamente pela ausência de sufixo. Na verdade, o que está implícito no que diz Cunha e nos exemplos que dá é que existem formas verbais ambíguas: "comunicar" pode se referir a qualquer das três pessoas do singular ou do plural; "esperava" tanto pode ser primeira pessoa do singular quanto terceira e, como veremos mais adiante, também pode referir-se à segunda pessoa.

Além disso, o referente de um item de primeira e segunda pessoas é essencialmente exofórico — é o contexto da

situação que determina apenas o falante como primeira pessoa, e apenas o ouvinte como segunda. Já o referente de terceira pessoa é essencialmente endofórico: é preciso haver princípios que conduzam o ouvinte — ou o leitor — a interpretá-lo adequadamente.¹ As formas verbais de terceira pessoa são, portanto, potencialmente ambíguas, já que podem se referir, em princípio, a qualquer sintagma nominal expresso no discurso precedente.²

Bechara (1977) parece ter captado o caráter potencialmente ambíguo das formas verbais de terceira pessoa, quando observa:

Entre as elipses que ocorrem com mais frequência estão: a) a do pronome sujeito de 1^a e 2^a pessoas do singular e plural: [...]

(1977: 200) (*Grifos meus*)

Said Ali (1969), de forma menos explícita, também distingue a terceira pessoa das demais, com relação ao sujeito elíptico ou pronominal:

*[...] é de notar que a noção de sujeito de 1^a, 2^a ou 3^a pessoa já vem indicada na própria desinência verbal. A presença do pronome *sô* é necessária quando o exige a clareza ou quando queremos chamar a atenção para o sujeito. Fora disso, é vocábulo dispensável: [...]*

(1969: 218)

Suponho que Said Ali faça uma restrição ao uso indiscrimina-

do do sujeito elíptico de terceira pessoa , levando em conta a ressalva "a presença do pronome só é necessária quando o exige a clareza". Considero que as formas verbais de terceira pessoa é que ensejam normalmente a ambigüidade e que é, portanto, a elas que se refere o autor, na observação que faz.

Mattoso Câmara Jr.(1981) não parece considerar a am bigüidade potencial da terceira pessoa, pois ele simplesmente generaliza a questão da elipse do sujeito, sem nenhuma res salva ou observação:

Nega-se assim que haja elipse: (...) 3) na ausência de pronome-sujeito junto a um verbo, pois em português, a referência ao sujeito está na desinência verbal; (...)

(1981: 103-4)

Como se pode observar, Mattoso Câmara nem mesmo considera elipse o fenômeno estudado nesta dissertação — SAE. Curiosamente, no entanto, o exemplo dado por esse autor é com verbo na primeira pessoa singular — que se refere sempre e apenas ao falante — e no presente do indicativo, que tem sufixo próprio para indicá-la:

'Aqui toda a Africana costa acabo/neste meu nunca visto promontório' (Lusíadas, V, 50)

(1981: 104) (Grifo meu)

Além do fato de que um sujeito anafórico pode ser co-refente, em princípio, a qualquer SN expresso no discurso precedente, outros argumentos podem ser citados, para demons-

trar que a forma verbal de terceira pessoa é potencialmente ambígua. Em português, uma mesma forma verbal — sem sufixo flexional de pessoa — serve tanto para a referência à terceira pessoa do singular quanto para outras referências:

- a) segunda pessoa do singular: "você";
- b) a expressão a gente, que concorre com o pronome nós, na referência à primeira pessoa do plural;³
- c) sujeito indeterminado, com a forma verbal acrescida de "se" — em língua escrita formal —, como em "Como é que se pode ir à Europa, sem gastar dinheiro?";⁴
- d) primeira pessoa do singular, em quase todos os tempos verbais dos modos indicativo e subjuntivo: apenas em três tempos verbais do modo indicativo, a primeira pessoa do singular tem sufixo próprio: presente, pretérito perfeito e futuro do presente.

Também a forma verbal que se refere à terceira pessoa do plural pode servir a outras referências:

- a) segunda pessoa do plural: "vocês";
- b) sujeito indeterminado, sem a presença de pronome, como em "Dizem que quem com ferro fere com ferro será ferido, mas não acredito nisso".

Por conseguinte, é lógico supor que, quando se trata de sujeito de terceira pessoa, o escritor, entre a elipse e o preenchimento do sujeito, opte provavelmente com maior frequência por esta última hipótese.

A partir desse raciocínio, Lira (1982), que desenvolve

ve uma pesquisa sobre a ocorrência de sujeito nominal, pronominal e zero (elíptico) no português oral do Rio de Janeiro, utiliza o fator forma verbal ambígua/não-ambígua, quando investiga a ocorrência de sujeito pronominal e elíptico. A autora verifica que o primeiro ambiente — forma verbal ambígua — favorece o preenchimento do sujeito com o pronome: segundo ela, nesse ambiente o preenchimento representa o percentual 54 e probabilidade .52, contra o percentual 46 e probabilidade .48, nos casos de forma verbal não-ambígua (cf. p. 154).

No *corpus* com que trabalho, os resultados são bem diferentes dos de Lira. Um exame estatístico dos sujeitos anafóricos — todos de terceira pessoa e, conseqüentemente, associados a formas verbais potencialmente ambíguas — revela que, entre SAE e SApro, o primeiro representa a grande maioria:

Tabela 2

Ocorrência de SAE e SApro:

Total de casos	SAE		SApro	
Nº absoluto	Nº absol.	%	Nº absol.	%
222.	182	82%	40	18%

Os números da Tabela 2 demonstram que, no meu *corpus*, a ocorrência de SApro tem frequências muito baixas: apenas 18% dos casos são de pronomes. Esse resultado, entretanto, era o esperado, pelo fato de que Lira usou dados de língua oral, e

eu, de língua escrita. Na escola, ensina-se a "evitar repetições e termos desnecessários", para que o texto produzido pelo aluno seja "mais elegante". De modo geral, o uso reiterado de pronomes-sujeito é visto como "pobreza de estilo".

Portanto, apesar de toda a ambigüidade potencial das formas verbais de terceira pessoa, usam-se muito pouco, em língua escrita, os pronomes-sujeito. A não-ambigüidade é assegurada por outros mecanismos e princípios, examinados nas próximas seções deste capítulo e no capítulo seguinte.

2 - Animação e Tipo de Oração

Nesta seção examino dois fatores utilizados por Lira (1982), em sua pesquisa sobre língua oral: o primeiro, de natureza semântica; o segundo, de natureza sintática. Aqui, a ocorrência de SAE é submetida a esses dois fatores, a fim de que se possa verificar sua pertinência também em língua escrita. Inicialmente, examino o fator Animação; em seguida, Tipo de oração. Quanto, ao primeiro, veremos que o antecedente inanimado favorece a ocorrência de SAE. O segundo fator analisado — tipo de oração — revela pontos de contato e divergências entre língua oral e língua escrita, quanto ao fenômeno aqui estudado.

2.1 - Animação

Segundo Lira (1982), o antecedente marcado inanimado favorece SAE, ao passo que animado favorece a presença do pronome (SApro). Entretanto, a autora não explicita, em seu trabalho, o critério utilizado por ela para determinar o que é

animado ou inanimado e esse traço parece oferecer alguns problemas. Pontes (1986) discute esses problemas e sugere que a marcação de um item como animado ou inanimado seja feita com base no discurso:

... os falantes divergem sobre o que é animado. Há quem tenha a noção de que animado é o que tem vida e movimento, há os que consideram animado o que tem vida e os que consideram animado o que tem movimento. Mas não para aí: para uns, ter vida inclui o sol, e para outros, movimento inclui o desabrochar da flor. (...) Sentí o problema da definição de animado, quando, estudando a "posposiçãõ do sujeito", fiz comparação com sujeitos antepostos em textos e encontrei SNs como governo, PMDB, oposição, planalto etc., todos que eu considero abstratos, acompanhados de verbos volitivos, como O governo decidiu, o PMDB recusou, a oposiçãõ não quer, etc. Esses verbos indicam que o sujeito é um ser de vontade, de decisão própria, qualidades características de seres animados.

(Pontes, 1986: 268)

Na passagem de Pontes (1986) transcrita acima, há duas indicações importantes sobre critérios para se definir o que é animado: (a) a autora menciona o fato de ter pesquisado em textos e não em frases isoladas; (b) foi através dos verbos das frases pesquisadas que ela percebeu que todos aqueles SNs descreviam referentes animados.

Quanto a ter essa autora pesquisado em textos, parece óbvio que o texto fornece elementos para que se interprete um determinado item como animado ou não. "Planalto", por exemplo, designa, em diversos textos, um acidente geográfico e,

sem dúvida, será considerado, nesse caso, inanimado. Inversamente, quando aparece num texto sobre as questões políticas ou econômicas do Brasil, o leitor o interpreta imediatamente como "os homens do Governo", ou coisa semelhante, e, nesse último caso, parece não haver dúvida de que deve ser considerado animado. Portanto, o díscorso tem de ser levado em conta, para se decidir entre uma coisa e outra.

Em segundo lugar, o emprego de verbos volitivos, mencionado por Pontes, implica evidentemente que se está tratando de referentes animados. Pode-se ainda estender esse raciocínio a toda a predicação, e não considerar-se apenas o verbo: assim, mesmo que o verbo, por si só, não seja suficiente para se tomar uma decisão, a predicação provavelmente o será. Isso acontece, por exemplo, quando o verbo é uma cópula, como em (06):

(06) ... a Renamo [Resistência Nacional Moçambicana] é responsável por 'um dos mais brutais holocaustos desde a Segunda Guerra Mundial'.

(8 - D)

Em (06), não é o emprego do verbo — "é" — que sugere tratar-se o sujeito como animado, mas toda a predicação: "ser responsável por um dos mais brutais holocaustos (...)".

Esse foi, pois, o critério que utilizei na classificação dos meus dados: verifiquei, no texto, qual era o referente descrito pelo SN, valendo-me do contexto da situação e da predicação.

2.1.1 - O fator animação

No *corpus* com que trabalho, é possível verificar que, também em língua escrita, o antecedente marcado inanimado favorece SAE, quando se confrontam SAE e SApro. De um total de 29 ocorrências, apenas 2(7%) são casos de SApro, contra 27 (93%) de SAE:

Tabela 3

Ocorrência de SAE e SApro, quanto ao fator animação

Antecedente	Total de casos Nº absoluto	SAE		SApro	
		Nº absol.	%	Nº absol.	%
Animado	191	153	80%	38	20%
Inanimado	29	27	93%	2	7%

Pela Tabela 3, observa-se que a frequência de SAE cresce, do ambiente Antecedente Animado para o ambiente Antecedente Inanimado: de 80% para 93%.

Esse resultado correspondeu às minhas expectativas, pois, de acordo com minha própria intuição de falante nativo, inanimados — sobretudo abstratos -- não são referidos por pronomes-sujeito com a mesma liberdade que animados, pelo menos em língua escrita. Parece-me que SAE pode ocorrer, seja o antecedente animado ou inanimado, mas que o pronome ocorre tipicamente quando o antecedente é animado.

Em meu *corpus*, das duas ocorrências de SApro co-referente a um antecedente inanimado, a primeira parece dever-se, à primeira vista, a um problema de ambigüidade:

(07) *O Departamento de Estado dos EUA deveria considerar, além do estratégico isolado que significa a situação da Líbia no contexto do Oriente Médio e mundial, as complicadas questões brasileiras. Seus porta-vozes as conhecem de sobra e sabem que elas abrangem dívidas, retaliações externas (...)*

(1 - A) (*Griços meus*)

Em (07), o sujeito pronominal "elas" — feminino, plural — é corretamente interpretado como "as complicadas questões brasileiras". Caso ocorresse SAE, haveria pelo menos dois candidatos a antecedente da anáfora: "as complicadas questões brasileiras" — feminino, plural — e "os porta-vozes do Departamento de Estado dos EUA" — masculino, plural. É claro que o contexto da situação seria suficiente para a exata interpretação da anáfora, para muitos leitores. No entanto, a recuperação da anáfora pronominal é muito mais imediate do que a recuperação de uma possível anáfora zero — elipse, já que "elas" tem a marca de feminino.

Além disso, parece ter havido em (07) a interferência de três outros fatores, que contribuíram provavelmente para que o escritor optasse por SApro e não por SAE: em primeiro lugar, o fato de o antecedente — "as complicadas questões brasileiras" — não ser tópico, no discurso precedente ; em segundo lugar, existe uma certa distância entre a anáfora e

seu antecedente; por último, o fato de estarem o antecedente e a anáfora em períodos diferentes.

Quanto à segunda ocorrência de Sapro co-referente a um item inanimado, parece ter sido favorecida também pelo fato de o antecedente e a anáfora se acharem em períodos diferentes:

(08) Dos 14 milhões de habitantes, 6 milhões estão passando fome: A renda per capita é de 95 dólares. Na Etiópia, país cartão-postal da fome na África, ela é de 110 dólares.

(8 - D) (Grifos meus)

Os fatores mencionados acima -- Antecedente tópico/não-tópico, Distância entre a anáfora e o antecedente e Anáfora e antecedente no mesmo período/em períodos diferentes -- são poderosos no condicionamento de SAE e ainda neste capítulo voltaremos a tratar desses três fatores.

Por outro lado, o exame do fator Animação parece estar diretamente associado ao tratamento metafórico que o escritor dá, no discurso, a determinados SNs. Essa questão, no entanto, exige um exame mais detido e, para o que nos interessa, aqui, considero suficiente ter-se em mente apenas que antecedentes com o traço inanimado favorecem a ocorrência de SAE, num exame contrastivo entre SAE e Sapro.

2.2 - Tipo de oração

2.2.1 - A análise de Lira (1982)

Um dos fatores estruturais estudados por Lira (1982),

em sua pesquisa sobre língua oral, é o tipo de oração em que ocorre o sujeito elíptico ou pronominal. Lira adota a classificação das orações segundo a gramática tradicional, mas sub-classifica as chamadas "coordenadas" em dois tipos diferentes dos usualmente descritos nos manuais de gramática: numa sequência de orações coordenadas, coordenada I é a que ocorre em posição inicial; coordenadas II são todas as outras coordenadas — que ocorrem em posição não-inicial. Em (09), abaixo, ilustra-se essa subclassificação:

(09) *Porque o meu filho, ele era acostumado assim.*
Eu dava banho, eu botava sapato, eu botava a
meia, eu botava a cueca. *Ele não fazia nada.*

(1982: 247) (Grifos meus)

Em (09), a oração coordenada grifada com uma sublinha é uma coordenada I; as orações grifadas com duas sublinhas são coordenadas II.

Das orações relativas a autora exclui de sua análise aquelas em que o pronome relativo é o sujeito, pois, segundo ela, "elas geralmente não permitem um pronome pessoal" (p.142).

Os testes realizados por Lira se referem, no caso do fator tipo de oração, a qualquer sujeito elíptico ou pronominal — anafórico ou exofórico — e os resultados obtidos pela autora demonstram o seguinte:

- a) O sujeito elíptico é favorecido, quanto aos fatores Coordenada II e Oração independente; nitidamente, no primeiro caso — Coordenada II — e, em menor grau, em Oração independente.

- b) O sujeito pronominal é nitidamente favorecido em Oração adverbial e sua ocorrência pode considerar-se categórica em Oração relativa.⁵
- c) Os fatores Coordenada I, Oração principal e Oração Complemento são provavelmente considerados fatores neutros pela autora, pois ela não faz comentários a respeito.

2.2.2 - SAE e tipo de oração

Utilizei, em minha análise, os fatores estabelecidos por Lira, em termos de tipo de oração. Meu objetivo era verificar se havia pontos de contato entre o que ela pesquisou — língua oral — e o objeto de minha própria pesquisa — língua escrita. Para isso, utilizei a mesma classificação das orações adotada por ela, com uma única diferença: reuni em bloco único as orações independente e coordenada I, pelos motivos seguintes:

- a) Ambas iniciam período;
- b) A coordenada I relaciona-se formalmente com o discurso subsequente, e não com o discurso precedente. A oração independente pode também ser seguida de outra oração independente e, nesse caso, a única diferença entre uma seqüência de duas orações coordenadas e uma seqüência de duas orações independentes é estarem as primeiras num único período, e as últimas, em períodos diferentes. Ora, muitas vezes, não há obrigatoriedade quanto à separação

ou não dessas seqüências de orações em períodos diferentes.

- c) Do ponto de vista de sua constituição interna, parece haver também uma semelhança entre elas: nem a coordenada — tipicamente — nem a independente — esta, em termos categóricos — contém oração subordinada.

Essas semelhanças entre os dois tipos de oração fizeram-me, pois, optar por reuni-las num único bloco, constituindo um único fator.

Os dados que utilizei revelaram concordância com os dados de Lira, no que se refere aos fatores Coordenada I e Coordenada II, como se pode observar:

Tabela 4
Ocorrência de SAE e SApro, quanto aos fatores Oração coordenada I e Oração coordenada II

Tipo de oração	Total de casos Nº absoluto	SAE		SApro	
		Nº absol.	%	Nº absol.	%
Coordenada I	21	13	62%	8	32%
Coordenada II	95	92	97%	3	3%

De acordo com a Tabela 4, acima, a oração Coordenada I é um ambiente que desfavorece a ocorrência de SAE e, complementarmente, favorece SApro, se considerarmos que a freqüência de SAE na totalidade dos dados — SAE + SApro — é de 82% e a de

S Apro, 18%: no ambiente Coordenada I, a frequência de SAE cai para 62%, e a de S Apro sobe para 38%. Quanto ao ambiente Coordenada II, não há dúvida de que é altamente favorecedor de SAE: a frequência de SAE, submetida a esse fator, atinge 97% das ocorrências, o que significa que Coordenada II é um ambiente em que SAE ocorre de forma quase categórica.

Comparando-se esses resultados àqueles obtidos por Lira e que se referem a língua oral, é possível concluir que:

- a) Coordenada II favorece SAE, tanto em língua escrita quanto em língua oral.
- b) Coordenada I é um fator neutro, em língua oral, e desfavorece SAE, em língua escrita.⁶

Na análise de Lira, Oração adverbial favorece o sujeito pronominal, como vimos. Na minha análise, esse parece ser um fator neutro, conforme os resultados da tabela 5:

Tabela 5

Ocorrência de SAE e S Apro, quanto ao fator
Oração adverbial

Total de casos Número absoluto	SAE		S Apro	
	Nº absol.	%	Nº absol.	%
Na tot. dos dados 222	182	82%	40	18%
Em or. adverbial 35	28	80%	7	20%

A Tabela 5 mostra que, em relação à totalidade dos dados — SAE + S Apro —, o ambiente Oração adverbial parece não afetar os resultados, pois as diferenças registradas são muito

pequenas: 2% em ambos os casos.

Quanto às orações relativas, convém lembrar que Lira excluiu aquelas em que o pronome relativo exerce a função de sujeito. Segundo a autora, a presença do pronome pessoal nesse ambiente pode ser considerada categórica. No entanto, no *corpus* utilizado por mim, isso não se evidencia.⁷ A frequência de SAE e SApro, em orações relativas, é exatamente a mesma constatada na totalidade dos dados:

Tabela 6

Ocorrência de SAE e SApro, quanto ao fator
Oração relativa:

Total de casos Número absoluto	SAE		SApro	
	Nº absol.	%	Nº absol.	%
Na totalidade 222	182	82%	40	18%
Em or. relativa 22	18	82%	4	18%

Oração relativa parece ser, portanto, um ambiente neutro em relação à frequência de SAE.

O ambiente Oração principal, em minha análise, indicou também certa divergência com relação aos resultados obtidos por Lira. De acordo com os seus dados, Oração principal parece ser um fator neutro; já no *corpus* que utilizo esse ambiente desfavorece claramente SAE, levando-se em conta sua

freqüência na totalidade dos dados:

Tabela 7

Ocorrência de SAE e SAprou, quanto ao fator
Oração principal

Total de casos Número absoluto		SAE		SAprou	
		Nº absoluto	%	Nº absoluto	%
Na tot. dos ca- casos	222	182	82%	40	18%
Em oração prin- cipal	26	11	42%	15	58%

Vê-se, pela Tabela 7, que a freqüência de SAE, nesse ambiente, cai para apenas 42%, quando, na totalidade dos dados, é de 82%.

O fator Oração complemento, que demonstrou ser neutro na análise de Lira, indica, nos dados utilizados por mim, ligeiro favorecimento de SAE, conforme se pode observar:

Tabela 8

Ocorrência de SAE e SApro, quanto ao fator
Oração complemento:

	Total de casos Número absoluto	SAE		SApro	
		Nº absol.	%	Nº absol.	%
Na total. dos casos	222	182	82%	40	18%
Em oração complemento	23	20	87%	3	13%

A Tabela 8 mostra uma pequena diferença a favor de SAE, no ambiente Oração complemento: de 82% — na totalidade dos dados —, para 87% — em Oração complemento.

Recapitulando as conclusões desta subseção:

- a) Coordenada II e Oração complemento favorecem SAE: a primeira, claramente; a última, em menor grau.
- b) Oração adverbial e Oração relativa parecem ser fatores neutros.
- c) Coordenada I e Oração principal desfavorecem SAE.

O fator Tipo de oração não me parece, na verdade, condicionar uma ou outra coisa, como veremos mais adiante. Mas é possível, atendendo-se estritamente ao que foi descrito até agora, neste trabalho, considerá-lo relevante.

3 - Continuidade Tópica

Nesta seção, procurarei mostrar que algumas afirmações encontradas em Pontes(1986), Givón(1983), Pontes(1981) e Lira(1982) fornecem os elementos necessários para se estabelecer uma relação entre tópico e sujeito, elipse de tópico e elipse de sujeito.

3.1 - Tópico e Elipse de Tópico

Pontes(1986) discute o conceito de tópico de sentença e diz que "o tópico realmente condiciona a interpretação de algumas anáforas" (p. 186).

Ainda com referência à questão do tópico, Givón(1983) afirma que as sentenças se agrupam, no discurso, formando cadeias de sentenças e unidades temáticas maiores do que a própria sentença. Essas cadeias de sentenças se caracterizam, segundo Givón, por se referirem ao mesmo tópico, e o autor as denomina parágrafos temáticos (cf. p.9). No texto de Givón não há exemplos, mas imagino que (10) ilustre o que seja um parágrafo temático:

(10) [...] o pedreiro se vingou. Ele contou que eram aproximadamente 20h30m e estava parado na esquina da rua Serenata, armado com uma garrucha calibre 32, quando viu J.A. entrando em um beco e foi atrás. Depois de dar alguns passos e perceber que não havia ninguém por perto, ele chamou J.A.

(1 - N)

Em (10), o tópico inicial, o pedreiro, é expresso na primei-

ra sentença e permanece o mesmo nas sentenças seguintes: "e-le" ("contou que..."); Ø ("quando Ø viu ...") etc. Portanto, tem-se aí um único parágrafo temático.

Mais adiante, com relação ao lapso entre uma e outra ocorrência, no discurso, de um mesmo tópico, Givón afirma que "quanto menor for o lapso, mais fácil será a identificação do tópico" (p. 11). Ora, num mesmo parágrafo temático, as sentenças versam sobre o mesmo tópico e estão a uma proximidade máxima uma da outra. É de se esperar, pois, que esse seja um ambiente favorecedor da elipse do tópico. Com efeito, Givón considera essa elipse um sinal indicador de máxima continuidade tópica (cf. p. 11).

3.2 - Continuidade Tópica e Continuidade de Sujeito

Na subseção precedente, toda a discussão girou em torno de tópico e elipse de tópico, sem que se tenha mencionado o sujeito e SAE. No entanto, o tópico é tipicamente veiculado pelo sujeito. Tanto isso é verdade, que se costuma considerar tópico não-marcado aquele que se confunde com o sujeito e tópico marcado aquele veiculado por meio de um termo sintático com outra função — objeto, por exemplo.

Pontes(1986) ressalta o fato de que as definições de tópico e sujeito costumam ser coincidentes:

Jã vimos que, historicamente, as definições de sujeito e tópico se confundem. Tanto um quanto outro parecem corresponder "àquilo ou aquele de quem se declara alguma coisa".

(1986: 177)

Sentenças como "O Mardônio o carro furou o pneu" (cf. Pontes, 1986: 179), onde o *status* dos SNs grifados é discutível, parecem ser típicas de língua oral. Em língua escrita, uma sentença como a acima seria provavelmente rotulada como um "anacoluto", levando-se em conta a postura dos gramáticos tradicionais:

Consiste essa figura numa desconexão sintática, resultante do desvio do plano de construção da frase. Iniciada com determinada estrutura, ela se interrompe de súbito e envereda por outro rumo.

{Rocha Lima, 1978: 453}

Os anacolutos podem, com efeito, ocorrer em textos escritos, sobretudo em textos literários, como um recurso da chamada "linguagem afetiva", porém o que se observa nos textos não-literários é que os autores não fazem uso dessa figura. Essa tendência é, talvez, consequência de determinados preconceitos transmitidos pelos gramáticos normativos, como se pode observar, por exemplo, em Bechara (1977): "O anacoluto, fora de certas situações especiais, é evitado pelas pessoas que timbram em falar e escrever corretamente a língua" (1977:331).

Em suma, no *corpus* que utilizo não são encontradas sentenças do tipo "O Mardônio o carro furou o pneu" e isso dá força à hipótese de que tópico e sujeito podem ser tratados como rótulos diferentes de uma mesma entidade lingüística, pelo menos quando se pesquisa língua escrita.⁸

Outra afirmação, encontrada em Pontes(1981), reforça essa concepção de que sujeito e tópico podem ser tratados co-

mo a mesma coisa:

Em português e muitas outras línguas, o tópico é marcado pela posição na sentença, que é a primeira; [...]. Também o sujeito costuma ser identificado na língua pela posição em que ocorre na sentença, ou eventualmente por algum morfema.

(Pontes, 1981: 53)

Na passagem acima, Pontes não diz que o sujeito ocorre na primeira posição na sentença. Entretanto, sabemos que em português essa é a sua posição normal; por isso, depreende-se da passagem acima que tanto o tópico quanto o sujeito ocupam a primeira posição na sentença.

É, portanto, possível considerar que tópico e sujeito se superpõem, pelo menos em língua escrita, e aplicar ao último os mesmos princípios que ao primeiro. Pode-se esperar, então, que a continuidade, no discurso, de um mesmo sujeito em sentenças imediatamente subsequentes — o parágrafo temático de Givón — favoreça a ocorrência de SAE.

Considerado, pois, o parágrafo temático como uma cadeia de sentenças imediatamente subsequentes, todas com o mesmo sujeito, utilizei esse fator em minha análise e os resultados quantitativos se encontram na tabela 9:

Tabela 9

Ocorrência de SAE e SApro, quanto ao fator
Sujeito/não-sujeito da oração imediatamente
anterior

Na oração anterior	Total de casos Nº absoluto	SAE		SApro	
		Nº absoluto	%	Nº absoluto	%
Sujeito	178	159	89%	19	11%
Não-sujeito	44	23	52%	21	48%

A Tabela 9 demonstra que a continuidade de referência a um mesmo sujeito é um fator que favorece a ocorrência de SAE: nesse ambiente, SApro tem a frequência de apenas 11%, contra 89% de ocorrências de SAE. Em contrapartida, a descontinuidade de referência ao mesmo sujeito inibe a ocorrência da elipse: se, em relação à totalidade dos dados, tem-se 82% de SAE e 18% de SApro, no ambiente Não-sujeito da oração imediatamente anterior, a ocorrência de SAE cai para 52%, enquanto a de SApro sobe para 48%.

Lira(1982) usa esse mesmo parâmetro em sua análise e obtém resultados semelhantes aos meus — com a ressalva de que seus dados abrangem tanto sujeitos anafóricos quanto exofóricos, de primeira, segunda e terceira pessoas, ao passo que meus dados compreendem apenas os anafóricos de terceira pessoa.

Concluindo, o tratamento do sujeito e do tópico como uma mesma entidade lingüística e a concepção do parágrafo temático de Givón(1983) tornam possível formular-se a hipótese de que a continuidade de um mesmo sujeito — continuidade tópica — em orações imediatamente subsequentes, seja um dos fatores de condicionamento de SAE. Na análise quantitativa dos dados, confirma-se essa hipótese: a continuidade de um mesmo sujeito — continuidade tópica — se revela um fator poderoso de favorecimento de SAE. X

4 - Distância Formal de Co-referência

Nesta seção, discuto a distância formal entre a ocorrência do sujeito anafórico e seu antecedente. Investigo, em primeiro lugar, a distância formal em termos de número de orações. Em seguida, discuto o parâmetro Antecedente no mesmo período/em outro período, pois esse fator me parece relacionado à distância entre os dois itens co-referentes: estabeleço a hipótese de que a distância mínima, que, conforme veremos, se revela condicionadora de SAE, seja provavelmente mais frequente entre dois itens co-referentes que se encontrem no mesmo período do que entre dois itens co-referentes que estejam em períodos diferentes.

4.1 - Distância em Termos de Número de Orações

Na seção anterior, vimos que, segundo Givón(1983), o parágrafo temático — um ambiente em que é mínima a distância formal entre dois sujeitos co-referentes — favorece a ocorrência de SAE. Isso pode significar que a frequência de SAEs

diminuirá gradualmente, à medida que se aumentar a distância entre os dois sujeitos co-referentes.

Pode-se igualmente supor que, entre dois itens co-referentes, dos quais o segundo exerça a função de sujeito, mas o primeiro não exerça necessariamente essa função, a distância entre as duas ocorrências seja também um dos fatores a serem investigados.

Considerarei, portanto, esse fator em minha análise, tomando a oração, em seu conceito tradicional, como unidade de medida: a partir da oração imediatamente anterior, contei, da direita para a esquerda, o número de orações até onde se encontrava o antecedente do sujeito anafórico, como em (11):

(11) *Depois de atropelar as garis, o caminhão subiu no canteiro central da avenida, o chocou-se contra uma árvore, em seguida o bateu no Gol BV-5502, que era conduzido por (...)*

(4 - N) (*Grifos meus*)

Em (11), tem-se dois SAEs: o primeiro — sujeito de "chocou-se contra uma árvore" — está a distância 1 de seu antecedente; o segundo — sujeito de "bateu no Gol (...)" — está a distância 2. Em relação ao primeiro, o antecedente está na oração imediatamente anterior (distância 1) e, em relação ao segundo, está na segunda oração anterior à anáfora (distância 2).

Minha expectativa era a de que a frequência de SAE fosse máxima, quando à distância mínima — distância 1 — do antecedente e que, a partir de distância 2, sua frequência

fosse decrescendo gradativamente. De fato, é lógico supor-se que, quanto maior for a distância formal entre SAE e seu antecedente: (a) maiores serão as chances de haver entre eles outros itens, candidatos potenciais a elemento controlador da anáfora e, portanto, maiores serão, nesse caso, as possibilidades de ambigüidade; (b) maior terá de ser o esforço da memória do leitor, a fim de recuperar a anáfora.

É verdade que o emprego do pronome, nesses casos de distâncias maiores, não assegura, por si só, a coesão textual: os pronomes não contêm outras marcas além das de gênero e número e, assim mesmo, a marca de número é redundante, já que o verbo também a possui. Em todo o caso, resta o gênero, que pode, algumas vezes, dar ao leitor uma pista para que ele identifique o referente da anáfora. Essa pista parece existir em (07), que repito:

(07) *O Departamento de Estado dos EUA deveria considerar, além do estratégico isolado que significa a situação da Líbia no contexto do Oriente Médio e mundial, as complicadas questões brasileiras. Seus porta-vozes as conhecem de sobra e sabem que elas abrangem dívidas, retaliações externas[...]*

(1 - A) (Grifos meus)

Em (07), conforme já vimos, o emprego do pronome "elas" elimina, de forma imediata, a possibilidade de que o leitor interprete "seus porta-vozes" como o sujeito de "abrangem dívidas(...)" . A suposição de que houvesse, no , muitos casos como o de (07) levou-me, portanto, a criar a expectati

va de que SAE ocorresse sobretudo à distância mínima -- distância 1 -- do antecedente e que SApro ocorresse com maior frequência a partir da distância 2.

Na classificação dos dados, não estabeleci *a priori* qual seria a distância máxima entre os dois elementos co-referentes. Entretanto, as ocorrências de sujeitos anafóricos a distâncias superiores a três orações são tão raras, no meu corpus, que agrupei em blocos únicos as distâncias 4 e 5, 6 e 7, 8 e 9. Chamei a esses blocos, respectivamente, distância 4, distância 5 e distância 6. Assim, a referência, aqui, a distância 4, por exemplo, significa que as ocorrência se dão à distância real 4 ou 5. Não encontrei nenhuma ocorrência a distâncias reais superiores a 9; portanto, foi possível computar, na testagem que fiz, todas as ocorrências de SAE e SApro, até o limite de distância 6, que corresponde às distâncias reais 8 e 9.

Os resultados corresponderam a minha expectativa , como se observa na Tabela 10:

Tabela 10

Ocorrência de SAE e SApro, quanto ao fator
Distância do antecedente em número de orações:

Distância	Total de casos Número absoluto	SAE		SApro	
		Nº absol.	%	Nº absol.	%
1	125	112	90%	13	10%
2	43	34	80%	9	20%
3	24	16	67%	8	33%
4	19	15	79%	4	21%
5	8	4	50%	4	50%
6	3	1	33%	2	67%

A Tabela 10 confirma a hipótese de que SAE ocorre com frequência máxima, quando a distância 1 (90%) e é progressivamente desfavorecido a partir da distância 2. Os percentuais de SAE às distâncias de 2 a 4 são aproximados (80, 67 e 79) e revelam que essas distâncias não permitem a ocorrência da elipse com tanta liberdade quanto a distância mínima, 1. Verifica-se que a frequência de SAE a distância 4 é percentualmente maior do que a distância 3, o que é, em princípio, um resultado inesperado. Entretanto, como mencionei, os percentuais de SAE a distâncias de 2 a 4 são bastante aproximados e

deve-se considerar que o número absoluto de ocorrências nesses ambientes é pequeno (86 ocorrências, ao todo, de SAE e SApro), em relação à totalidade dos dados (222 ocorrências).

Além disso, um outro fator parece explicar esse resultado aparentemente inesperado. É que, na contagem da distância entre a anáfora e seu antecedente, não se cogitou de verificar se havia outros elementos anafóricos co-referentes ao mesmo antecedente. Na verdade, quando existem outras anáforas co-referentes ao mesmo antecedente do sujeito anafórico, este pode ocorrer, mesmo que não esteja a pequenas distâncias do antecedente.

A constatação de que pode ocorrer no discurso uma sequência de anáforas, todas co-referentes ao mesmo antecedente, não é uma hipótese formulada por mim. Halliday & Hasan (1976) fazem essas mesmas considerações:

(...) it is characteristic of third person forms that they may be cumulatively anaphoric. One occurrence of John at the beginning of a text may be followed by an indefinitely large number of occurrences of he, him or his all to be interpreted by reference to the original John.

(1976: 52)

Observa-se, então, que essas seqüências de anáforas co-referentes ao mesmo antecedente formam uma cadeia anafórica, que permite a continuidade de referência ao mesmo elemento, no decorrer do discurso.

Uma hipótese provável, no entanto, é a de que não seja muito frequente a existência de uma cadeia anafórica mui

to longa, isto é, que não se tenha, no discurso, um número muito grande de anáforas consecutivas. De fato, não se espera que o escritor preserve a mesma referência, numa porção relativamente extensa de discurso, pois aparecerão inevitavelmente outras referências nessa mesma porção de discurso. Haja vista o fato de que, no meu *corpus*, a distância máxima encontrada entre o sujeito anafórico e seu antecedente foi de 9 orações e, assim mesmo, num único exemplo.

Considerando, portanto, que um sujeito anafórico pode ou não ser membro de uma cadeia de anáforas, estabeleci, numa nova classificação dos dados, um parâmetro que levasse em conta a distância do antecedente em número de orações, mas associada à presença ou não de cadeia anafórica. Isolei, inicialmente, as ocorrências em que não havia cadeia anafórica e constatei que, nesse caso, a distância máxima entre SAE ou S_{Apro} e o antecedente é de 3 orações e também que o número total de ocorrências de sujeitos anafóricos a distâncias 2 e 3 é baixíssimo, o que comprova a importância da cadeia anafórica para as ocorrências de SAE ou S_{Apro} a distâncias superiores a 1. Os resultados que obtive se encontram na Tabela 11:

Tabela 11

Ocorrência de SAE e SAprou, quanto ao fator Distância do antecedente em número de orações, sem cadeia anafórica:

Distância	Total de casos Número absoluto	SAE		SAprou	
		Nº absol.	%	Nº absol.	%
2	11	7	64%	4	36%
3	7	3	43%	4	57%

Os números absolutos da Tabela 11 são, como se vê, muito pequenos — um total de 18 ocorrências, em 222 sujeitos anafóricos — e, portanto, não nos dão segurança suficiente para fazer afirmações taxativas. Acredito, porém, que esses resultados correspondam à realidade: SAE é progressivamente desfavorecido e SAprou é progressivamente favorecido, à medida que aumenta a distância do antecedente. Provavelmente, com um número maior de dados, esse princípio será confirmado.

Por outro lado, constata-se que, embora mais raras, ocorrências de SAE e SAprou são possíveis, a distâncias superiores a 3, desde que façam parte de uma cadeia anafórica. Ora, se a cadeia anafórica viabiliza a continuidade tópica, é razoável, então, acreditar-se que, na verdade, não é a distância pura e simples do antecedente que torna possível ou não a ocorrência de SAE ou SAprou, mas a continuidade tópica. Sob essa perspectiva, a menor distância entre os dois elemen-

tos co-referentes é apenas uma consequência natural da continuidade tópica, pois, como vimos, é pouco provável — e os dados confirmam razoavelmente essa hipótese — que o escritor mantenha a mesma referência, numa porção mais extensa de discurso, utilizando-se unicamente de sujeitos anafóricos.

Essas considerações nos levam, pois, a concluir que, quando se examinam os fatores que favorecem SAE ou SApro, continuidade tópica é um fator poderoso, ao passo que a distância mínima do antecedente pôde ser vista apenas como uma das implicações desse fator.

4.2 - Distância de Termos de Mesmo Período/ Períodos Diferentes

Como vimos na subseção anterior, a continuidade tópica implica, normalmente, menor distância entre SAE e seu antecedente. Por outro lado, é provável que, em textos escritos, os dois elementos co-referentes estejam a menor distância um do outro, quando se encontrarem ambos no mesmo período. Isso não significa que inexista, em termos categóricos, a co-referência entre elementos que se encontrem em períodos diferentes: significa apenas que a proximidade entre esses elementos provavelmente se refletirá na organização do texto em períodos e que o escritor terá, com certeza, a tendência a iniciar novo período, quando ocorrer mudança de tópico.

Em vários dos autores que consultei existe, com efeito, a concepção implícita ou explícita de que SAE ocorre tipicamente no mesmo período em que se acha seu antecedente. Abaixo, cito algumas afirmações, de diversos autores, que e-

videnciãam, a meu ver, tal concepção.

[A identificação de SAE se faz] pela presença do sujeito em outra oração do mesmo período ou de período contíguo.

Cunha (1981: 90) (Griços meus)

Não havendo ambigüidade, o sujeito subentende-se de uma oração para outra, (...) e também de uma cláusula para outra. ⁹

Epiphânio Dias (1959: 332) (Griço meu)

Observando-se as afirmações acima, de Cunha e Epiphânio Dias, verifica-se que esses autores colocam em primeiro lugar a hipótese de o antecedente vir expresso no mesmo período e, por último, a possibilidade de ele se achar em período diferente. Isso pode ser um indício de que esses autores consideram mais típica a elipse do sujeito cujo antecedente está no mesmo período em que ocorre a elipse.

Quando o verbo declarativo ou sensitivo traz depois de si um verbo referido ao mesmo sujeito, a oração integrante fica elíptica(...)

Leite de Vasconcellos (1958:292) (Griço meu)

Nas orações condicionadas, em que o sujeito é o mesmo da condicional, omite-se geralmente (...)

(Id. ib.: 293) (griço meu)

No modelo tradicional, oração integrante e oração

condicional são ambas subordinadas a uma oração principal, que está no mesmo período. Portanto, para Leite de Vasconcelos o antecedente de SAE deve vir expresso no mesmo período, pois esse autor nem sequer cogita da possibilidade de a co-referência estabelecer-se entre dois períodos diferentes.

Ocultta-se o sujeito quando a forma verbal torna desnecessária a sua explicitação ou quando ele já figurou numa oração anterior: (...)

Melo (1968:191) (Grifo meu)

Observa-se que Melo(1968) se refere apenas a oração, que para os gramáticos tradicionais é uma unidade intra-sentencial. Além disso, o único exemplo dado por esse autor é efetivamente o de um SAE cujo antecedente se encontra no mesmo período:

A Oração aos Moços é, na sua contextura verbal, modelo da mais pura vernaculidade, e, convenientemente lida e estudada, constitui precioso fator (...) (Sousa da Silveira, in edição nacional da Oração aos Moços, de Rui Barbosa, ps. VIII-IX).

(Melo, 1968: 192)

No exemplo de Melo(1968) — que, como já foi dito, é o único dado pelo autor —, o sujeito elíptico de "constitui precioso (...)" vem expresso no mesmo período: "A Oração aos Moços". Fica-se, portanto, com a impressão de que, para Melo, uma condição para a ocorrência de SAE é o antecedente se achar no

mesmo período.

Os seres vivos nascem, crescem, reproduzem-se e morrem.

Os corpos contraem-se com o frio e dilatam-se com o calor.

Fomos à casa do amigo porque nos tinha convidado.

O criado saiu e cumpriu as ordens.

Said Ali(1969: 217)(Grifos meus)

Quanto trata especificamente da elipse do sujeito, Said Ali(1969) não faz explanações teóricas, fornecendo apenas os exemplos citados acima. Percebe-se que todos esses exemplos ilustram casos de SAE co-referente a um item do mesmo período: "os seres vivos", "os corpos", "o amigo" e "o criado". Logo, é razoável afirmar-se que, também para Said Ali, o caso típico de SAE é com antecedente no mesmo período.

(...) o estudo das anáforas não é um problema exclusivamente sintático, mas depende também do discurso, já que muitas vezes a anáfora e seu antecedente não se encontram dentro do mesmo período.

Fulgêncio(1983: 16)(Grifo meu)

Fulgêncio, na passagem citada acima, chama a atenção do leitor para o fato de que "muitas vezes a anáfora e seu antecedente não se encontram no mesmo período". Ora, isso é uma demonstração clara de que o normal, o esperado, também para essa autora, é ambos estarem no mesmo período.

As afirmações de todos esses autores reforçam, pois, a suposição de que, entre os ambientes Antecedente no mesmo período e Antecedente em outro período, o primeiro seja aquele em que SAE ocorre tipicamente.

Estabelecê, portanto, em minha análise, o fator Antecedente no mesmo período/Antecedente em outro período, com a expectativa de que o primeiro fosse um ambiente favorecedor de SAE, e o segundo, um ambiente em que SAE ocorresse com baixa frequência. Os resultados quantitativos confirmaram essa hipótese, conforme se verifica na tabela 12:

Tabela 12

Ocorrência de SAE e Sapro, quanto ao fator Antecedente no mesmo período/em outro período:

Antecedente	Total de casos	SAE		Sapro	
	Número absoluto	Nº absol.	%	Nº absol.	%
No mesmo período	161	146	91%	15	9%
Em outro período	61	36	59%	25	41%

não continua

Os números da Tabela 12 mostram que SAE é favorecido, quando se acha no mesmo período em que está seu antecedente: se, considerando-se a totalidade dos dados, a frequência de SAE e Sapro corresponde aos percentuais 82 e 18, respectivamente, essa relação se altera para 91 e 9, no ambiente Antecedente

no mesmo período . Obviamente, ocorre o inverso quando a anáfora e seu antecedente se encontram em períodos diferentes: a frequência de S_{Apro} aumenta — de 9 para 41% — enquanto a de S_{AE} diminui — de 91 para 59%.

Os resultados estatísticos serviram também como evidência da hipótese de que o antecedente no mesmo período implica menor distância entre dois itens co-referentes e, conseqüentemente, é um fator que favorece a ocorrência de S_{AE} . É possível, portanto, a essa altura, supor que a distância mínima entre a anáfora e seu antecedente seja um traço persistente dos fatores que favorecem a ocorrência de S_{AE}.

Entretanto, pode-se associar Antecedente no mesmo período a Continuidade tópica , se nos lembrarmos de que a distância mínima entre S_{AE} e seu antecedente não parece constituir, por si só, um fator que condicione a ocorrência de S_{AE}, mas parece tratar-se apenas de uma implicação natural de Continuidade tópica , conforme vimos na subseção anterior.

Resumindo, é possível reformular a hipótese estabelecida acima, segundo a qual, a distância mínima entre a anáfora e seu antecedente é um traço persistente dos fatores que condicionam S_{AE}, formulando-se uma nova hipótese, nos seguintes termos:

Se Continuidade tópica implica Distância mínima e Distância mínima implica Antecedente no mesmo período, então Continuidade tópica implica Antecedente no mesmo período.

Sob essa perspectiva, pode-se, pois, associar Antecedente no

mesmo período não apenas a Distância mínima, mas também a Continuidade tópica.

Além disso, a hipótese de que fatores como Distância e Antecedente no mesmo período/em outro período possam ser descritos como implicações de Continuidade/Mudança de tópico sugere a possibilidade de que outros parâmetros, aparentemente dissociados de Continuidade/Mudança de tópico, possam igualmente ser tratados sob essa mesma perspectiva.

5 - Tipo de Oração e Continuidade Tópica

Ao examinar, na seção 2 deste capítulo, o fator tipo de oração, afirmei que não me parecia, na verdade, ser esse um parâmetro relevante em relação à ocorrência de SAE ou SApro e que as conclusões então obtidas deveriam ser tomadas como conclusões provisórias. De fato, há razões, como veremos, para se interpretar o fator tipo de oração como uma implicação direta da posição da oração no período e, em última análise, como uma implicação de Continuidade/Mudança de tópico.

Em primeiro lugar, lembremo-nos de que:

- a) coordenada II e complemento favorecem SAE;
- b) adverbial e relativa parecem ser fatores neutros;
- c) coordenada I e principal desfavorecem SAE.

Observa-se que coordenada II e complemento — que demonstraram favorecer a ocorrência de SAE — apresentam um traço comum, que é a posição não-inicial no período: a primeira, em termos categóricos; a segunda, em termos de tipicidade.

Inversamente, coordenada I e principal — que demonstraram desfavorecer a ocorrência de SAE — partilham também um traço comum, que é a posição inicial no período: coordenada I, sempre; principal, tipicamente.

Além disso, um dos testes realizados por Lira (1982), não mencionado aqui, anteriormente, indica que a oração adverbial que antecede a principal favorece o sujeito pronominal. Logo, complementarmente, desfavorece SAE; "The adverbial clause that precedes the main clause favors pronominal subjects" (Lira, 1982: 146).

Essa constatação de Lira reforça ainda mais a hipótese que estabeleço aqui, de que SAE é favorecido não pelo tipo de oração em que ocorre, mas pela posição não-inicial dessa oração no período.

Convém também considerar que o sujeito elíptico ocorrendo numa oração não-inicial do período, encontrará aí um ambiente que lhe é totalmente favorável: são muito grandes as chances de que seu antecedente se encontre no mesmo período; são igualmente grandes as chances de que o antecedente esteja na oração imediatamente anterior, isto é, a distância mínima da anáfora.

Essas considerações fazem supor, conseqüentemente, que a posição não-inicial da oração em que ocorre SAE tenha maior poder explanatório do que o tipo de oração em que ocorre a anáfora, quando se investigam os fatores que favorecem o sujeito elíptico.

Diante dessas evidências, estabeleci um novo fator em minha análise, considerando as alternativas discutidas a-

cima: a ocorrência da anáfora em oração inicial ou em oração não-inicial do período. Os resultados dessa nova testagem confirmam, de fato, a hipótese de que SAE é nitidamente favorecido, quando ocorre em oração não-inicial (91%). Já no ambiente Oração inicial do período, sua frequência é de apenas 43%:

Tabela 13

Ocorrência de SAE e SAp_{ro}, quanto ao fator
Oração inicial/não-inicial

Ocorrência em oração:	Total de casos Número absoluto	SAE		SAp _{ro}	
		Nº absol.	%	Nº absol.	%
Inicial	42	18	43%	24	57%
Não-inicial	180	164	91%	16	9%

Como se pode observar, a quase-totalidade de sujeitos anafóricos em oração não-inicial do período é de SAEs — 164, em 180 —, enquanto, em oração inicial, o número de SAEs representa menos da metade dos casos — 18, em 42. Esses resultados comprovam, portanto, que a oração em que SAE é favorecido deve ser descrita em termos da posição não-inicial que ocupa no período, e não em termos de sua classificação sintática.

A constatação acima pode, por sua vez, conduzir-nos a uma outra, mais geral, qual seja a de que o fator Continuidade tópica está associado também ao que se examinou inicialmente

sob o ângulo do tipo de oração.

Consideremos, inicialmente, que foi possível explicar o aparente favorecimento de SAE por Distância mínima do antecedente e por Antecedente no mesmo período, não através desses dois fatores, por si mesmos, mas como uma implicação de Continuidade tópica.

Em segundo lugar, vimos que esses dois fatores implicam, por sua vez, a ocorrência de SAE em oração não-inicial do período. Portanto, é razoável afirmar-se que todos esses fatores estejam, na verdade, a serviço da Continuidade tópica:

I - Continuidade tópica implica Distância mínima do antecedente e Antecedente no mesmo período;

II - Distância mínima do antecedente e Antecedente no mesmo período implicam Posição não-inicial da oração em que ocorre SAE;

portanto,

III - Continuidade tópica implica Posição não-inicial da oração em que ocorre SAE.

Tendo em vista, portanto, todas essas considerações, é razoável ter-se a expectativa de que outros parâmetros relacionados a Continuidade tópica possam evidenciar as condições favorecedoras de SAE. Assim, no capítulo seguinte, considero alguns novos parâmetros de análise, todos associados a esse fator.

6 - Conclusão

Neste capítulo, constatou-se inicialmente que a língua escrita emprega muito mais frequentemente o sujeito elíptico do que o pronominal.

Em seguida, a análise de alguns parâmetros sobre o condicionamento de SAE descritos em outros trabalhos revelou que determinados ambientes favorecem a ocorrência de SAE: Antecedente inanimado, Oração coordenada não-inicial e Oração complemento, Continuidade tópica, Distância mínima entre a anáfora e seu antecedente.

Vimos igualmente que a distância mínima do antecedente em relação ao sujeito anafórico demonstra ser um fator relevante para a explicação da ocorrência de SAE, pois sugere o exame de outros ambientes aos quais seja inerente.

Foi também possível concluir que a distância mínima entre SAE e seu antecedente é uma decorrência lógica de Continuidade tópica e que, portanto, seria possível estabelecer outros fatores associados a Continuidade tópica — já que este se revela um provável macro-fator de condicionamento de SAE —, com a expectativa de que fossem significativos para a explanação do fenômeno.

Finalmente, sob essa nova perspectiva, constatou-se que o fator tipo de oração, preliminarmente considerado relevante, pode ser descrito em termos de Distância mínima do antecedente, de Antecedente no mesmo período e, como consequência, de Continuidade tópica.

N O T A S

- ¹ A afirmação de que os pronomes de 1^a e 2^a pessoas são essencialmente exofóricos, enquanto os de 3^a pessoa são essencialmente endofóricos, se encontra em Halliday & Hasan (1976): "(...) a third person form typically refers anaphorically to a preceding item in the text. First and second person forms do not normally refer to the text at all; their referents are defined by the speech roles of speaker and hearer, and hence they are normally interpreted exophorically, by reference to the situation."(p. 48)
- ² Estou considerando como 'formas verbais de terceira pessoa' aquelas que se prestam a várias referências, inclusive à referência de terceira pessoa, conforme explico mais adiante, nesta seção.
- ³ No *corpus* com que trabalho não há evidências de que "a gente" seja tão frequente quanto "nós". A afirmação que faço é de caráter puramente impressionista: tenho lido e ouvido, com uma frequência que me parece significativa, a expressão "a gente" usada por políticos, empresários, intelectuais, em entrevistas dadas a revistas, jornais e emisoras de televisão, em assembléias, reuniões, aulas e conferências. Uma segunda observação é que "a gente" parece ter duas interpretações: uma, de 1^a pessoa do plural; outra, de indeterminação do sujeito, como em "Como é que a gente vai à Europa sem gastar dinheiro?", que, em determinadas situações, parece semanticamente equivalente a "Como é que se vai à Europa sem gastar dinheiro?".

- ⁴ Em língua oral espontânea, encontram-se sentenças como "Auxiliadora, como é que Ø faz pão-de-queijo?", onde é possível perceber outra forma de indeterminação do sujeito : o verbo toma a forma de 3^a pessoa singular, sem o "se".
- ⁵ É bom lembrar que Lira não considera, em sua análise, orações relativas cujo sujeito é o pronome relativo.
- ⁶ Coordenada I, aqui, compreende não só a coordenada I propriamente dita, mas também oração independente, como mencionei anteriormente.
- ⁷ Assim como faz Lira, também excludo da minha análise as relativas em que o pronome relativo exerce a função de sujeito. Todos os SApros a que me refiro são formalmente realizados como pronomes pessoais.
- ⁸ Essa interpretação, segundo a qual sentenças como "O Mardônio o carro furou o pneu" constituem o que os gramáticos chamam anacoluto, encontra-se em Pontes(1982): "O anacoluto é descrito pelos gramáticos do Português como 'colocando no início de uma oração, sem uma relação gramatical com o resto da sentença, o nome do objeto, ao qual se segue uma asserção" (Pontes, 1982: 140-1).
- ⁹ Pelas palavras de Epiphânio Dias, percebe-se que o que ele chama cláusula é aquilo a que os gramáticos mais modernos se referem como período.

CAPÍTULO IV: CONTINUIDADE TÓPICA; A CONDIÇÃO BÁSICA

Aqui se examinam as ocorrências de SAE, Sapro e Salex, sob a perspectiva de continuidade tópica.

A escala de continuidade temática, exposta em Givón (1983), fornece elementos suficientes para que se descrevam as ocorrências de sujeito anafórico como simples implicações de maior ou menor grau de continuidade tópica.

São reexaminados alguns fatores que constituíram o objeto das discussões do capítulo anterior e que estão, por hipótese, vinculados à continuidade tópica: distância do antecedente em número de orações e presença ou não do antecedente no mesmo período. Além desses, são considerados novos fatores, relacionados à organização do texto: continuidade/descontinuidade de parágrafo e continuidade/descontinuidade de gênero discursivo. Também estes se revelam vinculados a continuidade tópica, o que torna possível, mais uma vez, descrever a ocorrência de SAE unicamente em termos de máxima continuidade tópica.

1 - As Três Formas de Realização do Sujeito Anafórico de Terceira Pessoa

Nesta seção, discuto em primeiro lugar as limitações do sujeito anafórico pronominal — Sapro — como instrumento de mudança de tópico. O fato de o pronome não ser referencial por si mesmo o torna dependente da interveniência de alguns fatores, semelhantemente à elipse, para que possa ocorrer co-

mo sujeito.

Em seguida, discuto a escala de continuidade temática apresentada em Givón(1983) e sua interpretação dentro dos limites dos casos que constituem o objeto de estudo desta dissertação.

Uma das formas de realização do sujeito anafórico de terceira pessoa, entretanto, não figurou nos discussões do capítulo anterior: as anáforas lexicais. Passo-as, pois, em revista, de acordo com a descrição que delas fazem Halliday & Hasan (1976).

1.1 - As Limitações do Sujeito Pronominal de Terceira Pessoa nas Mudanças de Tópico

No capítulo anterior, sugeri que a continuidade de tópico pode estar associada a outros fatores relevantes na análise das ocorrências de SAE. No entanto, o contraste estabelecido apenas entre as ocorrências de SAE e S_{apro} — que é o que se fez até agora, neste trabalho — não dá conta de uma descrição razoável do grau de continuidade tópica.

Vimos no capítulo anterior que o pronome, que em relação à totalidade dos dados tem frequência bem inferior à da elipse, é ligeiramente favorecido em determinados ambientes, os quais, obviamente, desfavorecem as ocorrências de SAE. O favorecimento de S_{apro}, como vimos, se dá, por exemplo, nas orações coordenada I e principal, ou quando a distância entre a anáfora e o antecedente é de duas ou três orações etc. Entretanto, assim como a elipse, o pronome não se

presta à mudança de tópico, se não houver, no discurso precedente, determinadas condições que tornem possível sua ocorrência. Se tivermos, por exemplo, o antecedente a uma distância de 5 ou 6 orações, sem que exista nessa porção do discurso uma cadeia anafórica, SApro provavelmente não ocorrerá, segundo o que atestam os dados (vide Capítulo III, 4.1).

Digamos, então, que SApro pode ser o instrumento de certas mudanças de tópico, isto é, daquelas envolvidas em condições favoráveis do discurso. Por exemplo, num caso como (01), que repito:

(01) *Aparecida identificou o corpo que estava dentro da gaveta de uma geladeira do IML como sendo do seu filho, pela cicatriz que ele tem na mão esquerda, em consequência de um corte quando criança.*

(3 - N) (Griços meus)

a mudança de referência de Aparecida para ele — o seu filho —, por meio do pronome, é possível porque, entre outras coisas, o antecedente — o seu filho — está: (a) no mesmo período e (b) na oração imediatamente anterior, isto é, à distância 1.

Em outros exemplos, no entanto, em que faltam condições, no discurso precedente, para a ocorrência de SAE ou SApro, o que ocorre é um SN lexical, como veremos mais adiante.

1.2 - A Escala de Continuidade Tópica

Givón (1983) estabelece uma escala de continuidade

tópica que envolve a elipse, pronomes átonos e tônicos e SNs lexicais não-anafóricos. Segundo ele, essas diversas formas indicam maior ou menor continuidade, mas em relação aos estritos limites desta dissertação, a escala de continuidade de Givón pode resumir-se a apenas três elementos: elipse, pronome e SN lexical.

De acordo com a concepção de Givón e considerando-se apenas esses três elementos, teríamos uma escala assim distribuída, no sentido do grau máximo de continuidade tópica para o mínimo: (a) elipse; (b) pronome; (c) SN lexical.¹

Em outro trabalho, Givón considera que o pronome indica continuidade, semelhantemente à elipse, mas em menor grau:

Pronouns are used over short referential distances — much like zero anaphora — but when the thematic continuity is not quite as high.

(1984: 403)

Pode-se então, dentro dos objetivos que nos interessam aqui, interpretar da seguinte maneira as considerações feitas em Givón(1983) e Givón(1984): (a) a máxima continuidade tópica é indicada por SAE; (b) a continuidade mínima é indicada por um sujeito lexical; (c) SApro indica um grau intermediário de continuidade: mais baixo que o de SAE e mais alto que o de um sujeito lexical.

Quanto ao sujeito lexical, do qual nada ainda foi dito aqui, sua peculiaridade é a de representar tanto um

referente já mencionado no discurso — e, nessa medida, é também uma anáfora — quanto um referente novo, isto é, ainda não mencionado no texto. Evidentemente, os que nos interessam neste trabalho são os sujeitos lexicais anafóricos — aos quais me referirei doravante como SAlex.

Antes, entretanto, de incorporar a este estudo o exame das ocorrências de SAlex, faço uma breve exposição sobre as diferentes formas que essas anáforas lexicais podem assumir, no discurso, tais como estão descritas em Halliday & Hasan (1976).

1.3 - Anáforas Lexicais

Halliday & Hasan(1976) consideram a possibilidade da retomada de um antecedente por meio também de um sintagma nominal lexical. A essa forma de anáfora esses autores se referem como reiteração:

Reiteration is a form of lexical cohesion which involves the repetition of a lexical item, at one end of the scale; the use of a general word to refer back to a lexical item, at the other end of the scale; and a number of things in between — the use of a synonym, near-synonym, or superordinate.

Halliday & Hasan (1976: 278)

Como se vê, Halliday & Hasan estabelecem uma escala de anáforas lexicais — reiterações —, começando pela repetição pura e simples do antecedente, passando por uma gradação decrescente de relações sinonímicas e chegando a um

item genérico ('general word').

1.3.1 - Repetição

A repetição é uma forma de reiteração cuja identificação, em princípio, não parece suscitar dificuldades, como em (12):

(12) *Projetada exclusivamente para atender o mercado brasileiro, a CBX 150 Aero é um modelo inédito em nível mundial.*

'Design' atualizado, com o tanque de gasolina, tampas laterais e rabeta integrados, a CBX 150 Aero tenta reunir estilo, velocidade, aerodinâmica e conforto, aliando luxo e esportividade.

(2 - D) (Grifos meus)

Há outros casos, em que a repetição aparece de forma abreviada. O referente expresso inicialmente, por exemplo, como Ronald Kuntz é retomado mais adiante como Kuntz, isto é, numa forma abreviada de repetição. Não fiz um estudo específico dessas formas abreviadas, mas parece que a tendência, muitas vezes, é retomar apenas os itens que contêm a informação mais relevante ou a informação que seja suficiente para que o leitor interprete o referente. Nos nomes próprios compostos, ora se repete o primeiro elemento, ora o segundo (ou o último?). Em (13) e (14), abaixo, tem-se exemplos dessas formas abreviadas de repetição:

(13) Quem não tiver dinheiro ficará de fora nessa disputa — garante o diretor da Brasmarket Assessoria de Marketing Político e Merchandising, Ronald Kuntz, (...) Numa projeção prematura, Kuntz avalia que (...)

(5 - D) (Grifos meus)

(14) A mais jovem convocada para a seleção feminina de vôlei e uma das seis titulares da equipe, Fernanda Venturini, 17 anos, encanta o técnico Jorge Barros, não se deixa influenciar pelos elogios, (...) Na recente excursão do Brasil aos Estados Unidos e Cuba, Fernanda mais uma vez superou as expectativas (...)

(5 - D) (Grifos meus)

Quando o antecedente é realizado como um SN de estrutura complexa, com um SN menor encaixado à direita, ora se repete o elemento sintaticamente nuclear, ora um elemento sintaticamente periférico:

(15) A ação rápida dos soldados do Corpo de Bombeiros ajudou para que (...) e, cavando cuidadosamente, os soldados conseguiram retirar Virgulino. (...) Os bombeiros tentaram levá-lo para o Hospital (...)

(2 - N) (Grifos meus)

Em (15), o SN complexo os soldados do Corpo de Bombeiros é retomado numa primeira instância como os soldados — termo sintaticamente nuclear — e, em seguida, como os bombeiros — sintaticamente periférico.

1.3.2 - Itens genéricos

Segundo Halliday & Hasan (1976), os itens genéricos constituem um pequeno elenco de nomes de referência genérica:

The class of general noun is a small set of nouns having generalized reference within the major noun classes, those such as 'human noun', 'place noun', 'fact noun' and the like.

(1976: 274)

Os exemplos dados por esses autores nem sempre têm um correspondente em português, mas me parece que homem/indivíduo, criança/menino, coisa/negócio/troço, lugar são exemplos de itens genéricos.² Em (16), abaixo, empregou-se o item genérico criança para co-referir a o menor infrator:

(16) *Um estudo elaborado por técnicos da Febem originou um esboço sobre o perfil do menor infrator. A pesquisa, destinada à aplicação de um projeto de assistência e recuperação destas crianças, revela que(...)*

(1 - D) (Grifos meus)

1.3.3 - Sinônimos, para-sinônimos e superordenados

Halliday e Hasan empregam o termo sinônimo em seu significado tradicional. Quanto aos para-sinônimos, o exemplo dado pelos autores é o do par sword/brand: o primeiro signi-

fica espada; o segundo, ferrete, e tem sido empregado poeticamente como espada. Os para-sinônimos devem ser entendidos como "quase-sinônimos" ou itens com significados próximos.³

O superordenado, segundo Halliday e Hasan, é um item pertencente a uma classe mais geral, como estudantes em relação a alunos da Faculdade de Letras, ou educadores em relação a professores, por exemplo.

Entretanto, nem sempre é fácil a distinção entre algumas dessas classes sinonímicas. Veja-se (17):

(17) *Um estudo elaborado por técnicos da Febem originou um esboço sobre o perfil do menor infrator. A pesquisa, (...) destas crianças, revela que a existência dos meninos de rua é consequência (...) Ao associar-se a outras crianças com o mesmo problema forma-se um 'bando', vínculo mais forte dos menores e que(...)*

(1 - D) (Grifos meus)

Em (17), estas crianças parece ser um item genérico em relação a o menor infrator, conforme mencionei anteriormente. Mas, entre o menor infrator e os menores, tanto se pode perceber uma forma de repetição (abreviada), quanto uma forma de superordenação, uma vez que o menor é uma classe mais geral do que o menor infrator. Mais ainda: como decidir se, entre o menor infrator e os meninos de rua, o que existe é sinonímia ou para-sinonímia? Para mim, isso depende da visão do mundo que tenha o escritor, de modo que não se pode afirmar com segurança se se trata de sinônimos ou de para-sinônimos.

Para eliminar tal obstáculo e considerando que não é meu objetivo aqui discutir exaustivamente essas formas de anáforas lexicais, considero, na análise dos dados, que um par de itens de natureza lexical é co-referente quando a substituição de um pelo outro não afeta a coesão textual e chamo simplesmente sujeito anafórico lexical a todas essas formas de anáforas, às quais me refiro aqui como SAlex.⁴

1.4 - A ocorrência de SAE, SApro e SAlex no Corpus

Das anáforas de terceira pessoa que constituem o corpus com que trabalho, a maioria é de SAlex: 51%; SAE ocorre com frequência inferior: 40%; SApro tem a mais baixa frequência de todas essas três formas: apenas 9%. A tabela 14 mostra a relação quantitativa entre SAE, SApro e SAlex:

Tabela 14

Ocorrência de SAlex, SAE e SApro no *corpus*

Total de casos	Ocor. de SAlex		Ocor. de SAE		Ocor. de SApro	
	Nº absol.	%	Nº absol.	%	Nº absol.	%
450	228	51%	182	40%	40	9%

2 - SAE, SAlex e SApro na Escala de Continuidade Tópica

Vimos na seção anterior que, em termos bastante

simplificados, pode-se dizer que Givón atribui à elipse a indicação de máxima continuidade e a um SN lexical — não anafórico — a indicação de mínima continuidade/máxima descontinuidade.

Por outro lado, vimos igualmente que um SN lexical pode ser novo — não-anafórico — no discurso e também pode ser dado — uma anáfora lexical. Entretanto, mesmo no caso de um SN lexical ser anafórico, sua ocorrência no discurso sugere que, de certa maneira, o escritor está reintroduzindo um referente que, de algum modo, não foi preservado na porção de discurso entre sua introdução e sua reintrodução. Pode-se argumentar que se tal referência tivesse sido preservada, o sujeito anafórico se realizaria provavelmente como SAE ou como SApro.

É possível, portanto, considerar-se que um sujeito anafórico lexical — SAlex — se comportará de modo bastante semelhante a um sujeito lexical não-anafórico, ou seja, indicando mínima continuidade tópica.

Quanto ao pronome — SApro —, ficaria numa posição intermediária, quando a continuidade não é tão alta que favoreça SAE e nem tão baixa que favoreça SAlex.

Logo, se for correta essa interpretação, SAE deve ocorrer com frequência bem mais alta que a de SApro, nos casos em que a anáfora tem o mesmo referente do sujeito da oração imediatamente anterior — o que corresponde ao grau máximo de continuidade. Nessas circunstâncias, SApro, por sua vez, provavelmente ocorrerá com frequência superior à de SAlex.

Já quando se tem a situação oposta — quando o referente da anáfora não é o mesmo do sujeito da oração imediatamente anterior —, ocorrerão aí provavelmente diferentes graus de continuidade. De fato, a última referência poderá estar ou não na oração imediatamente anterior, além disso, deve-se considerar a hipótese de a última referência estar mais distante. Considere-se, igualmente, que o antecedente poderá ou não se encontrar no mesmo período em que ocorre a anáfora. Em suma, há razões para se acreditar que a menor continuidade tópica propicie diversas combinações possíveis de fatores e que admita, portanto, diversos graus de continuidade.

No estrito âmbito deste trabalho, tem-se, portanto, a expectativa de que, no ambiente de máxima continuidade tópica — em que a anáfora tem o mesmo referente do sujeito da oração imediatamente anterior —, a mais alta frequência seja a de SAE, a mais baixa seja a de SAlex e a de Sapro se situe num nível intermediário, entre os extremos da escala. Já na situação oposta, espera-se que SAlex e SAE tenham frequências inversas e que Sapro ocupe novamente uma posição intermediária.

Fiz, portanto, nova testagem dos dados, desta vez incluindo não só as ocorrências de SAE e Sapro, mas também as de SAlex, a fim de verificar se se confirmava, no *corpus*, a concepção da escala de continuidade temática de Givón. Como o número total de pronomes no *corpus* é muito pequeno (apenas 40 ocorrências) em relação ao de SAE (182) e SAlex (228), considerarei isoladamente as ocorrências de cada uma dessas três formas de anáfora, nos dois ambientes discutidos

aqui. Além disso, para maior economia terminológica, chamei a esse fator Continuidade/Descontinuidade tópica: continuidade tópica corresponde aos casos em que o referente da anáfora é o mesmo do sujeito da oração imediatamente anterior; descontinuidade tópica corresponde ao ambiente oposto. Os resultados quantitativos obtidos nessa testagem se encontram na tabela 15:

Tabela 15

Ocorrência de SAE, SAprou e SAlex, quanto ao fator Continuidade/descontinuidade tópica

Fator	Ocorrências de SAE		Ocorrências de SAprou		Ocorrências de SAlex	
	Nº absol.	%	Nº absol.	%	Nº absol.	%
Continuidade tópica	159	87%	19	48%	55	24%
Descontinuidade tópica	23	13%	21	53%	173	76%
Total de casos	182	100%	40	101%	228	100%

Os resultados obtidos confirmam as expectativas: de 182 SAEs, 159(87%) ocorrem no primeiro ambiente — que representa o grau máximo de continuidade — e, de 228 SAlex, apenas 55(24%) ocorrem aí. Quando submetidas à situação oposta — de mínima continuidade tópica — as posições se invertem:

apenas 23 SAEs (13%) e alta frequência de SAlex: 173(76%) . Quanto a SApro, verifica-se que sua distribuição quantitativa nos dois ambientes varia muito pouco: 19 casos (48%) no primeiro e 21 (53%) no segundo.

Acredito que a variação de frequência de SApro esteja, conforme já mencionei, vinculada à interferência de outros fatores. Existe a possibilidade de a oração imediatamente anterior estar em outro período, nos casos de continuidade tópica; existe igualmente a possibilidade, nos casos de descontinuidade, de o antecedente ou o último elemento da cadeia anafórica se achar à distância 1 (obviamente, com outra função que não a de sujeito) e no mesmo período, conforme já vimos. Além disso, o antecedente pode não ter o traço Animado, tanto em continuidade tópica quanto em descontinuidade, o que viabiliza ou não o emprego do pronome, como foi constatado no capítulo anterior.

Toda essa possível interferência de outros fatores torna difícil prever a ocorrência de SApro nos dois ambientes aqui discutidos. Entretanto, de qualquer forma, os resultados quantitativos comprovam a concepção do pronome como uma forma anafórica que ocorre quando o grau de continuidade está num nível intermediário, entre o de SAE — continuidade máxima — e o de SAlex — continuidade mínima: no primeiro ambiente, para 87% dos casos de SAE e 24% dos de SAlex, tem-se 48% dos casos de SApro; no segundo, para 76% dos casos de SAlex e 13% dos de SAE, ocorrem 53% dos casos de SApro. Portanto, SApro ocorre sempre com frequências intermediárias entre as de SAE e SAlex, o que caracteriza sua posição na escala de continuidade tópica.

Esses resultados parecem, pois, confirmar que a escala de continuidade temática de Givón deve, no âmbito desta dissertação, interpretar-se nos termos que proponho: SAE indica o nível máximo de continuidade, SAlex corresponde ao nível mínimo de continuidade e Sapro indica níveis intermediários.

3 - Fatores Associados a Continuidade Tópica

No capítulo anterior foi possível concluir que fatores como Distância do antecedente em número de orações, Distância do antecedente em termos de mesmo período ou períodos diferentes estão associados a continuidade tópica.

Reexamino, pois, esses fatores, a fim de que se confirmem ou não as evidências de que a produção de SAE pode ser explicada, de forma generalizada, como uma decorrência de máxima continuidade.

3.1 - Distância do Antecedente em Número de Orações

Quando foi examinada a distância a que o antecedente se encontra da anáfora, em número de orações, verificou-se que é relevante a existência ou não de uma cadeia anafórica entre os dois elementos co-referentes. Foi possível constatar que a cadeia anafórica permite a ocorrência de SAE ou de Sapro, mesmo a distâncias maiores do antecedente: vimos que ocorrem no *corpus* exemplos, ainda que pouco numerosos, de SAEs distantes até 6 ou 7 orações da oração em que figura o antecedente; vimos também que Sapro ocorre até o limite de 9 orações posteriores à ocorrência do antecedente.

Comprovou-se, então, que a continuidade tópica é uma condição bem mais relevante que a distância mínima entre o antecedente e a anáfora, para que esta última possa ocorrer sob a forma de SAE ou SApro. Porém, conforme observei, é pouco provável que o escritor mantenha indefinidamente a referência ao mesmo tópico, numa porção mais extensa de discurso, já que aparecerão, com certeza, outros referentes nessa porção de discurso e a coesão textual ficará provavelmente prejudicada, se o escritor se utilizar somente de sujeitos elípticos ou pronominais. Portanto, o sujeito anafórico a grandes distâncias do antecedente tenderá a ser expresso por meio de SAlex, e não de SAE ou SApro. Quanto a SAE, já sabemos que deixa gradualmente de ocorrer, à medida que se distancia do antecedente, até atingir um limite onde simplesmente não ocorre mais. Já com relação a SApro, vimos que, quando a distâncias maiores — distante de 6 a 9 orações do antecedente — ocorre com frequência superior à de SAE, embora se tenha constatado que o número total absoluto das ocorrências de SAE e SApro a essas distâncias é muito pequeno, no *corpus* que utilizo.

Conclui-se, portanto, que grandes distâncias do antecedente representam um ambiente totalmente desfavorável a SAE, mas nem sempre tão desfavorável a SApro, provavelmente pela interferência de outros fatores: como vimos, são muitas as possibilidades de combinações de fatores em cada ocorrência do sujeito anafórico, o que vai determinar uma certa imprevisibilidade do grau de continuidade temática. Só sabemos que SAE ocorre tipicamente num grau máximo de continuidade, e SAlex, em grau mínimo. A previsão de ocorrência de SApro fica, portanto, condicionada à influência ou não de outros fatores, que

vão determinar um grau maior ou menor de continuidade.

Supondo-se, portanto, que a distância em número de orações entre a anáfora e o antecedente reflita um grau maior ou menor de continuidade tópica, o que se espera é que SAE ocorra com maior frequência a pequenas distâncias do antecedente, que SAlex ocorra tipicamente a grandes distâncias e que SApro ocupe uma posição intermediária nessa escala.

O exame quantitativo dos dados confirma essa expectativa. Isolando-se as ocorrências de cada uma dessas três formas de sujeito anafórico constata-se que a escala de continuidade tópica se reproduz, em termos aproximados, no exame da distância do antecedente em número de orações.

É necessário lembrar-se aqui que, quando não há cadeia anafórica, a distância máxima a que ocorre SAE é de 3 orações do antecedente. Por outro lado, vimos que há, embora muito raras, ocorrências de SApro até o limite de 9 orações. Portanto, para simplificar a análise quantitativa, agrupei, de um lado, as ocorrências de SAE, SApro e SAlex, até a distância de 3 orações, levando também em conta que a essas distâncias são grandes as probabilidades de haver cadeia anafórica. De outro lado, reuni todas as demais ocorrências — de 4 orações em diante —, supondo que, a essas distâncias, a existência da cadeia anafórica fosse menos provável. De forma aproximada, portanto, o primeiro grupo representa pequenas distâncias, e o segundo, distâncias maiores. Os resultados que obtive se encontram na tabela 16:

Tabela 16

Ocorrência de SAE, SAprou e SAlex, quanto ao fator
Distância do antecedente em número de orações

Distância do antecedente	Ocorrência de SAE		Ocorrência de SAprou		Ocorrência de SAlex	
	Nº absol.	%	Nº absol.	%	Nº absol.	%
1 a 3 orações	162	89%	30	75%	104	46%
4 orações em diante	20	11%	10	25%	124	54%
Total de casos	182	100%	40	100%	228	100%

Através da Tabela 16, que, conforme observei anteriormente, apresenta resultados aproximados, SAE tem frequências radicalmente opostas, nos dois ambientes considerados: 89% de todos os casos de SAE ocorrem a distâncias menores do antecedente, enquanto apenas 11% se dão a distâncias maiores. SAlex, por sua vez, apresenta resultados inversos: mais baixa frequência a distâncias menores do antecedente (46%) e mais alta, a distância maiores (54% dos casos). Deve-se considerar, repito, que esses resultados são aproximados, visto que os dados foram reorganizados em apenas dois grupos, o que torna menos evidente o contraste quantitativo entre os dois ambientes. Quanto a SAprou, observa-se que, a distâncias menores do antecedente, tem a frequência de 75%, isto é, entre os 89% de SAE e os 46% de

SAlex. Já a distâncias maiores, sua frequência é de apenas 25%, mas novamente intermediária, entre os 11% de SAE e os 54% de SAlex.

É interessante observar-se que esses resultados refletem aproximadamente os resultados obtidos com relação a continuidade tópica: SAE e SAlex nos extremos da escala e SApro em posição intermediária. Essa é, talvez, mais uma evidência de que Distância do antecedente em número de orações é uma decorrência lógica do grau de Continuidade tópica.

3.2 - Distância do Antecedente em Termos de Mesmo Período ou de Períodos Diferentes

De forma análoga ao que se fez em relação ao número de orações entre o antecedente e a anáfora, pode-se ter a expectativa de que SAE é favorecido quando o antecedente se encontra no mesmo período, SAlex é favorecido pelo ambiente oposto e que SApro fica em posição intermediária, dependendo do grau de continuidade temática de cada um desses ambientes.

Se, como penso, tanto a distância do antecedente em número de orações quanto a sua presença ou não no mesmo período em que ocorre a anáfora forem fatores a serviço da continuidade tópica, a escala de continuidade se refletirá também em Antecedente no mesmo período/em outro período, que se constituirá, igualmente, numa escala gradual de ocorrências de SAE, SApro e SAlex, com SAE e SAlex ocupando os extremos da escala e SApro, permanecendo, mais uma vez, em posições intermediárias entre um extremo e outro.

Com efeito, os dados confirmam essas suposições, quando submetidos a nova testagem, conforme se observa através da

tabela 17:

Tabela 17

Ocorrência de SAE, SApro e SAlex, quanto ao fator
Antecedente no mesmo período/em outro período

Antecedente	Ocorrências de SAE		Ocorrências de SApro		Ocorrências de SAlex	
	Nº absol.	%	Nº absol.	%	Nº absol.	%
No mesmo período	146	80%	15	38%	10	4%
Em outro período	36	20%	25	63%	218	96%
Total de casos	182	100%	40	101%	228	100%

De acordo com a Tabela 17, é bastante evidente o contraste entre os ambientes considerados. SAE e SAlex têm aí, alternativamente, frequências muito altas ou muito baixas (80% e 20% de SAE; 4% e 96% de SAlex), o que demonstra claramente que essas duas formas de sujeitos anafóricos ocupam os extremos de uma escala. Em relação a SApro, observa-se que sua frequência está, mais uma vez, num nível intermediário entre as de SAE e SAlex: 38% no primeiro ambiente, onde ocorrem 80% dos casos de SAE e 4% dos de SAlex; no segundo, 63%, entre os 20% de SAE e os 96% de SAlex. Isso demonstra, mais uma vez, que a escala de continuidade temática se reproduz, em termos aproximados, quando se examinam outros fatores considerados relevantes em relação à ocorrência das diversas formas de sujeito a-

nafórico. Para mim, portanto, os resultados obtidos servem como uma nova evidência de que a presença ou não do antecedente no mesmo período está vinculada à maior ou menor continuidade tópica.

4 - Continuidade Tópica e Organização Formal do Discurso

Nesta seção, examino a relação entre continuidade tópica e a organização do texto em períodos e parágrafos. O início de novo período e de novo parágrafo é visto como a mudança de algum parâmetro na estrutura do discurso, entre as quais, a mudança de tópico. Inversamente, são considerados aspectos formais de continuidade a posição não-inicial da oração no período e a posição não-inicial do período no parágrafo.

4.1 - Posição da Oração no Período e Posição do Período no Parágrafo

Na seção 5 do capítulo anterior, constatou-se que determinados fatores, anteriormente descritos como tipos diferentes de oração, favorecem ou não a ocorrência de SAE, mas que tais fatores são mais claramente caracterizados como Oração inicial/não-inicial do período. Sob esse ângulo, foi possível verificar que SAE ocorre tipicamente em oração não-inicial do período, independentemente da classificação que se dê a essa oração.

Ao considerar que a posição não-inicial da oração no período favorece SAE, apoiou-me no argumento de que nesse ambiente há grandes probabilidades de o antecedente da anáfo-

ra se achar no mesmo período e, conseqüentemente, a menor distância.

No entanto, faltou uma importante observação, quando se discutiu a posição inicial/não-inicial da oração em que ocorre o sujeito anafórico. Tal observação se refere ao fato de que alguma razão leva o escritor a iniciar, em determinado ponto do texto, um novo período e também um novo parágrafo.

Em Rehfeld(1984), formula-se o princípio geral de que uma mudança de parágrafo corresponde à mudança de um ou mais parâmetros do discurso:

[...] *verifica-se que limites de parágrafo são ocorrem em pontos do texto onde há uma descontinuidade de parâmetros, quer dizer, onde há mudança de, pelo menos, um parâmetro.*

Rehfeld (1984: 121)

Essa autora utiliza, na descrição das condições de paragrafação, os parâmetros personagem, tempo e espaço. Segundo ela, o parâmetro tema se superpunha, no *corpus* que utilizou, ao parâmetro personagem e, por razões que não nos interessam aqui, optou pelo exame do parâmetro personagem, no lugar de tema.

O que Rehfeld examina como personagem — ou tema — faz crer que se trate de tópico, o que, no âmbito do modelo de língua escrita que constitui meu *corpus*, é veiculado pelo sujeito, conforme ressaltai na seção 3 do capítulo anterior. Portanto, uma mudança do tópico — e, em última análise, de

sujeito — propicia a mudança de parágrafo. A noção de tópico, entretanto, está vinculada, muitas vezes, à noção de tema do discurso, o que torna necessário, aqui, um breve exame desses conceitos.

Essas duas noções são exaustivamente estudadas em Pontes(1986). A autora constata que os lingüistas se têm frequentemente referido a tópico como se esta fosse uma noção por demais conhecida e aceita por todos. No entanto, "não há entre os lingüistas um conceito único de tópico", afirma ela (p. 202). Em seguida, Pontes examina a relação entre sujeito e tópico do discurso, verificando que, ao contrário do que têm afirmado alguns lingüistas, essas entidades não são necessariamente coincidentes. São discutidas pela autoras as noções de tópico sentencial, tópico do parágrafo e tópico do discurso — este último, identificado com o assunto ou o tema do discurso.

Como se vê, o termo tópico se presta a diversos empregos. Quando um autor se refere a tópico, pode ser que se esteja referindo a um tópico sentencial distinto do sujeito, ou a tópico sentencial veiculado pelo sujeito, ou ainda a tópico do parágrafo ou mesmo a tópico do discurso.

Prosseguindo em sua discussão, Pontes estuda o papel dos esquemas referenciais na identificação do tópico do discurso e do tópico da sentença. Segundo Dijk(1982), citado em Pontes(1986), um esquema é "um princípio organizacional, relacionando um número de conceitos que por convenção e experiência de algum modo forma uma 'unidade'"(Dijk, 1982, apud Pontes, 1986: 210). Um exemplo apresentado por Pontes é "Nós fomos ao restaurante, mas a garçonete estava muito ocupada pa

ra nos atender": 'a garçonete', que não havia sido mencionado em nenhum ponto do discurso anterior, aparece sob a forma de um SN definido, porque é um item que pertence ao esquema referencial de 'restaurante' (cf. Pontes, 1986: 211). Em outras palavras, quando o assunto (ou tema, ou tópico) é 'restaurante', cria-se a expectativa de que figurem no discurso elementos ligados a esse assunto: 'cardápio', 'garçon', 'garçonete' etc.

Voltando à questão da mudança de parágrafo, desta vez associada ao papel dos esquemas referenciais, é possível conceber o início de um novo parágrafo, assim como o início de um novo período, como uma marca formal da organização do discurso, para indicar um novo 'parâmetro' — na linguagem de Rehfeld (1984). Esse parâmetro pode ser, por sua vez, a abordagem de um referente novo no texto, mas pertencente ao esquema referencial do assunto ou tema de que se está tratando.

Em (18), abaixo, tem-se um exemplo — bastante claro, a meu ver — onde várias mudanças de parágrafo coincidem com o aparecimento de um referente textualmente novo, mas que figura na expectativa do leitor, porque pertence ao esquema referencial do assunto tratado.

O texto versa sobre um novo modelo de motocicleta. Os dois primeiros parágrafos mantêm, em suas orações iniciais, o assunto do texto como sujeito, mas nos parágrafos intermediários, os tópicos (sujeitos) são partes da motocicleta — que figuram na expectativa do leitor, já que o texto pretende descrever esse veículo. Os dois últimos parágrafos voltam a focalizar a motocicleta em seu todo, através de orações iniciais cujo tópico (sujeito) é o mesmo dos dois parágrafos ini

ciais, o que é uma maneira de preservar o assunto global tratado no texto:

- (18) Projetada exclusivamente para atender o mercado brasileiro, a CBX 150 Aero é um modelo(...)
'Design' atualizado, com o tanque de gasolina, tampas laterais e rabeta integrados, a CBX 150 Aero tenta reunir estilo, (...)
Rodas fundidas em alumínio com três raios duplos são também(...)
Os piscas traseiros incorporados à lanterna proporcionam um novo visual(...)
O painel da CBX 150 Aero é formado por velocímetro e tacômetro(...)
O chassi do novo modelo é do tipo 'Diamond', com o motor fazendo parte de (...)
O motor monocilíndrico OHC (comando de válvulas no cabeçote), quatro tempos e arrefecido a ar, possui ajuste automático(...)
A CBX 150 Aero possui relação de compressão(...)
A CBX 150 Aero será comercializada(...)

(2 - D) (Grifos meus)

Em (18), nota-se que, como no exemplo de Pontes, referentes textualmente novos são expressos por meios de SNs definidos: 'Os piscas traseiros', 'O painel', 'O chassi', 'O motor'.

Percebe-se, pois, que mudanças de tópico, no nível da organização informacional do discurso, correspondem a mudanças de parágrafo — e de período —, no nível de sua organização formal. Entretanto, se considerarmos as mudanças de período e as mudanças de parágrafo como sinais de mudança de tópico, devemos admitir que estas últimas são menos acessíveis ao escritor do que as primeiras: não se concebe um

texto — pelo menos, em se tratando de texto não-literário — que contenha tantos parágrafos quantos forem seus períodos. É lógico, portanto, que as mudanças de parágrafo correspondam a mudanças "maiores" do que as mudanças de período. Quero dizer que o fato de o escritor iniciar um novo parágrafo é provavelmente devido a mudanças mais significativas do que aquelas que correspondem ao início de um novo período. Isso nos leva a crer, conseqüentemente, que a mudança de parágrafo seja quase sempre acompanhada de mudança de tópico e que a oração inicial do parágrafo seja, portanto, um ambiente inteiramente favorável à ocorrência de um SN lexical. Além disso, se a oração inicial do período demonstrou constituir um ambiente desfavorável a SAE e vimos que o iniciar um novo período corresponde a mudanças menos significativas que o iniciar um novo parágrafo, é razoável ter-se a expectativa de que a freqüência de SAE em início de parágrafo será ainda mais baixa que em início de período.

Submeti, pois, os dados a nova testagem, separando as ocorrências da anáfora em oração inicial de parágrafo daquelas em oração não-inicial. Os resultados obtidos com essa testagem se acham na tabela 18.

Tabela 18

Ocorrência de SAE, SApro e SAlex, em oração inicial/não-inicial de parágrafo

Oração	Ocorrências de SAE		Ocorrências de SApro		Ocorrências de SAlex	
	Nº absol.	%	Nº absol.	%	Nº absol.	%
Inicial	0	0%	1	3%	156	68%
Não-inicial	182	100%	39	98%	72	32%
Total de casos	182	100%	40	101%	228	100%

De acordo com a Tabela 18, não se tem nenhuma ocorrência de SAE em oração inicial de parágrafo: todas se dão em oração não-inicial! Inversamente, do total de 228 SAlex, 156 (68%) ocorrem em oração inicial e apenas 72 (32%), em oração não-inicial. Mais uma vez, SApro tem frequências intermediárias, ainda que muito próximas das de SAE, entre a ausência total de ocorrências de SAE e os 68% de SAlex, no primeiro ambiente: 3%; em oração não-inicial, sua frequência — 98% — se situa igualmente entre as de SAE (100%) e SAlex (32%).

Esses resultados comprovam as previsões de que a oração inicial do parágrafo representa um ambiente de mínima continuidade tópica: não só SAE, mas também SApro são totalmente desfavorecidos nessa posição -SAE, de modo categórico; SApro,

quase nos mesmos termos. Assim, explica-se também, novamente, a vinculação entre as diversas ocorrências do sujeito anafórico e o grau de continuidade tópica, considerado aqui a condição básica para que ocorra SAE, ou SApro, ou SAlex.

5 - O Papel do Gênero Discursivo

Relaciono, aqui, a continuidade tópica à continuidade de um mesmo gênero discurso. Examinando as mudanças de gênero sob o ângulo da mudança de tópico e verifico que, no *corpus* utilizado, uma mudança de gênero corresponde tipicamente a uma mudança de tópico.

5.1 - Continuidade/Descontinuidade de Gênero Discursivo

Uma das hipóteses que estabeleci foi a de que, semelhantemente à mudança de parágrafo, uma mudança de gênero discursivo representaria, de alguma forma, uma ruptura de alguns 'parâmetros', entre os quais, provavelmente, o tópico (sujeito) e, como consequência, desfavoreceria a ocorrência de SAE.

Os gêneros discursivos aqui referidos são a dissertação, a descrição e a narração. Não vou me alongar na caracterização desses gêneros — o que seria, além de secundário em relação ao objeto desta dissertação, uma tarefa reconhecidamente espinhosa. Direi apenas que a dissertação se caracteriza pela exposição de uma tese a ser demonstrada ou explicada; a descrição capta um objeto em seu todo ou em alguma(s) de suas partes; a narração compreende o relato de fatos e/ou acontecimentos.⁵

É preciso, no entanto, ter em mente que não é uma característica da maioria dos textos a persistência de um mesmo gênero discursivo. Numa dissertação, o escritor recorre normalmente à descrição — sobretudo de situações, pelo que tenho observado nesse gênero de texto — e à narração, com o objetivo de construir um conjunto de elementos que funcionem como argumentação em favor da tese que pretende demonstrar. Da mesma forma, a descrição de um objeto pode admitir a narração de algum fato ou acontecimento e vice-versa. Garcia(1981) afirma, com referência à descrição e à narração, que "... , como se sabe, esses dois gêneros frequentemente se permeiam" (p. 353).

A possibilidade de que ocorreriam mudanças de gênero discursivo nos textos pesquisados levou-me a formular, pois, a hipótese de que a oração inicial de um novo gênero constituiria provavelmente um ambiente desfavorecedor de SAE. Para mim, parece lógico estar a mudança de gênero associada à introdução de um novo tópico no discurso ou à retomada de um referente já expresso no discurso precedente, mas sem grandes probabilidades de se realizar sob a forma de SAE ou de SApro.

Com efeito, supondo-se que na primeira oração de um novo gênero discursivo ocorra, na posição de sujeito, um referente novo, teremos aí, evidentemente, um sujeito lexical não-anafórico. Por outro lado, caso se trate de um referente já mencionado no discurso precedente, encontrará provavelmente aí condições desfavoráveis a sua realização como SAE ou SApro, visto que um elemento anafórico em oração inicial de gênero discursivo: (a) tem necessariamente um antecedente em outro período e, provavelmente, em outro parágrafo; (b) está a uma distância imprevisível do antecedente. Há, portanto, mui

tas probabilidades de existirem, em oração inicial de novo gênero discursivo, pelo menos algumas das condições adversas à ocorrência de SAE, citadas em a e b, acima, o que equivale a dizer que essa oração é muito provavelmente um ambiente de mínima continuidade tópica.

Além disso, uma mudança de gênero é provavelmente acompanhada de mudanças formais e mudança de algum outro parâmetro — como tempo, por exemplo. A meu ver, essa probabilidade de outras mudanças condiciona a explicitação do tópico, sob pena de se perder a coesão textual. Em (19), ocorre uma mudança de gênero, acompanhada de algumas dessas outras mudanças a que me refiro:

(19) *Claro que o Itamaraty não aplaude a ação desvairadamente terrorista do governo Kadhafi, mas daí a rejeitar negócios vultosos, capazes de ajudar o País em momento tão difícil, a distância é muito grande.*

Anteriormente, em 1983, o Governo proibiu a venda de armas, quando foi constatado que o regime do coronel Kadhafi violava o espaço aéreo do Brasil para entregar armamentos à Nicarágua.

(1 - A)

Em (19), temos uma mudança de gênero discursivo: o escritor expõe, inicialmente, a tese de que ao governo brasileiro não agrada o terrorismo líbio. Como se trata de uma tese, que terá de ser demonstrada, o escritor utiliza, em seguida, a narração de um fato ocorrido em 1983, o qual comprova a atitude ética do governo do Brasil e funciona como um argumento a fa-

vor da tese exposta.

Além da mudança de gênero, observam-se outras mudanças em (19): (a) mudança de parágrafo; (b) mudança de tempo verbal: de 'aplaude' e 'é' — no presente — para 'proibiu', 'foi' (em 'foi constatado') e 'violava' — todos no passado.

Em suma, existem razões para se acreditar que SAE e provavelmente também SApro não são favorecidos numa oração que introduza um novo gênero discursivo.

Estabeleci, portanto, o fator Oração inicial/não inicial de gênero discursivo, com a seguinte expectativa: SAE e SApro deveriam ocorrer com frequências muito baixas, semelhantes àquelas com que ocorrem em oração inicial de parágrafo, quando se tratasse de oração inicial de gênero discursivo, ficando praticamente todas as suas possibilidades de ocorrência restritas ao ambiente oposto. Quanto a SAlex, sua frequência seria mais alta que as de SAE e SApro, em oração inicial, e mais baixa, em oração não-inicial.

A análise quantitativa dos dados comprovou claramente essas suposições, conforme se pode perceber através da tabela 19:

Tabela 19

Ocorrência de SAE, SApro e SAlex, quanto ao fator
Oração inicial/não-inicial de gênero discursivo

Oração	Ocorrência de SAE		Ocorrência de SApro		Ocorrência de SAlex	
	Nº absol.	%	Nº absol.	%	Nº absol.	%
Inicial	1	1%	2	5%	24	11%
Não-inicial	181	99%	38	95%	204	89%
Total de <u>ca</u> sos	182	100%	40	100%	228	100%

De acordo com a tabela 19, apenas 1 caso de SAE (1% da totalidade de suas ocorrências), apenas 2 casos de SApro (5% da totalidade de ocorrências do pronome) e 24 casos de SAlex (11%) figuram em oração inicial de gênero discursivo. Portanto, a menor frequência é de SAE e a mais alta é de SAlex, ficando SApro em posição intermediária.

Em oração não-inicial, tem-se o inverso: a mais baixa frequência é de SAlex (89%) e a mais alta é de SAE (99%). Quanto a SApro, mantém-se novamente em posição intermediária (95%).

Vê-se, por conseguinte, que as ocorrências de SAE e SApro se dão, de forma quase categórica, em oração não-inicial de gênero discursivo. Entretanto, além disso, a tabela 19 confirma a hipótese de que são muitas as probabilidades de ocorrência de um referente novo em oração inicial: dos 450 casos de

sujeitos anafóricos (182 SAEs, 40 SApros e 228 SAlex), apenas 27 ocorrem em oração inicial (24 SAlex, 2 SApros e 1 SAE).

Por outro lado, se a continuidade/descontinuidade de gênero discursivo foi considerada um fator associado à continuidade tópica e foi possível constatar que afeta nitidamente as ocorrências de SAE, SApro e SAlex, chega-se mais uma vez à conclusão de que essas três formas de realização do sujeito anafórico estão vinculadas ao grau de continuidade tópica estabelecido pelas diversas circunstâncias do discurso.

N O T A S

- ¹ A descrição feita por Givón não é exatamente nesses termos, conforme já mencionei. O que faço, aqui, é interpretar sua escala de continuidade dentro dos limites desta dissertação, ou seja, dentro dos limites dos casos de que pretendo dar conta.
- ² Fulgêncio (1983) estuda, entre outras coisas, o que ela chama de anáfora tipo 'troço'. Segundo a autora, o falante emprega termos como 'troço', 'negócio' etc., para se referir exoforicamente a 'projektor de slides', por exemplo.
- ³ A fonte utilizada para a tradução desses termos foi o Novo Michaelis - dicionário ilustrado, vol. 1. 27. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1981.
- ⁴ Essa mesma postura está, aliás, presente em Halliday e Hasan: "All the types of lexical cohesion that we have considered up to this point have involved identity of reference; no matter the reiteration item has been a repetition, a synonym, a superordinate or a general word, it has been assumed to share a common referent with the original". (Halliday & Hasan, 1976: 281)
- ⁵ O termo 'objeto' tem aqui uma significação mais ampla do que em seu uso normal. Pode ser entendido como coisa, lugar, pessoa, situação etc..

CAPÍTULO V: CONCLUSÃO

Na análise do fenômeno aqui estudado, verificou-se inicialmente que os gramáticos tradicionais, em sua maioria, não parecem dar-se conta da ambigüidade potencial dos sujeitos elípticos de terceira pessoa, tratando de modo uniforme tanto a elipse de sujeitos de primeira e segunda pessoas — essencialmente exofóricos — quanto dos de terceira pessoa — essencialmente anafóricos.

Além disso, os gramáticos tratam a questão da elipse do sujeito, alternativamente, de forma excessivamente vaga ou excessivamente específica. De um lado, encontram-se afirmações do tipo "A presença do pronome só é necessária quando o exige a clareza(...)" (cf. Said Ali, 1969); de outro lado, descrições específicas demais, como "Nas orações condicionadas, em que o sujeito é o mesmo da condicional, omite-se geralmente(...)" (cf. Leite de Vasconcellos, 1958). Logo, não se percebe nas considerações dos gramáticos nem uma descrição suficientemente objetiva nem generalizações acerca do fenômeno da elipse do sujeito.

A análise de Lira (1982) enseja o confronto entre a ocorrência da elipse em língua oral e em língua escrita. Entretanto, essa autora testa a ocorrência de sujeito pronominal e sujeito zero — elíptico — em ambientes como oração coordenada, por exemplo, ou utiliza fatores como animação do antecedente, sem chegar a estabelecer alguma relação entre esses fatores ou alguma generalização.

Tanto as afirmações dos gramáticos quanto alguns testes realizados por Lira sugerem que a elipse do sujeito é favorecida por fatores como distância mínima do antecedente, ante

cedente no mesmo período e oração "coordenada II". Entretanto, nem os gramáticos nem Lira estabelecem alguma relação entre esses fatores, que são vistos apenas como condicionadores isolados da elipse.

A concepção do parágrafo temático, exposta em Givón (1983), torna possível associar esses fatores à continuidade tópica: continuidade tópica implica distância mínima; em termos probabilísticos, distância mínima implica antecedente no mesmo período; por sua vez, antecedente no mesmo período implica posição não-inicial da oração em que ocorre o sujeito elíptico.

Na escala de continuidade tópica, Givón(1983) considera a elipse do tópico como um indicador de máxima continuidade e o SN lexical — não-anafórico — como um indicador de descontinuidade. Quanto ao pronome, representa, segundo esse autor, um grau intermediário de continuidade tópica.

Quando se examinou a hipótese de o SN lexical anafórico indicar, semelhantemente ao SN lexical não-anafórico, um grau mínimo de continuidade tópica, confirmou-se essa hipótese, com base nos dados: nos ambientes considerados de mínima continuidade, é favorecida a ocorrência de uma anáfora lexical e desfavorecida a ocorrência do sujeito elíptico ou pronominal. Além disso, verificou-se que o sujeito pronominal ocorre com frequência sempre intermediária, entre a da elipse e a da anáfora lexical, quando se submete a ocorrência do sujeito anafórico aos fatores mencionados: continuidade tópica; distância do antecedente; antecedente no mesmo período/em outro período; posição inicial/não-inicial, no período, da oração em que ocorre a anáfora.

Presumiu-se, portanto, que a continuidade tópica e os fatores a ela relacionados descrevem de modo sistemático a ocorrência dessas três formas de realização do sujeito anafórico.

Posteriormente, o exame de dois outros fatores associados a continuidade tópica — continuidade/descontinuidade de parágrafo e continuidade/descontinuidade de gênero discursivo — confirmou a hipótese de que a forma com que o sujeito anafórico se realiza é uma decorrência do grau de continuidade tópica.

É possível, então, estabelecer um princípio geral, segundo o qual: (a) o sujeito anafórico elíptico tende a ocorrer nos ambientes de máxima continuidade tópica; (b) o sujeito anafórico lexical se realiza tipicamente nos casos de continuidade mínima; (c) o sujeito anafórico pronominal tende a ocorrer nos ambientes em que o grau de continuidade tópica não é tão alto que favoreça a elipse e nem tão baixo que favoreça a anáfora lexical.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

I - AUTORES CITADOS

- BECHARA, Evanildo (1977). Moderna gramática portuguesa: cursos de 1º e 2º graus. 22. ed. São Paulo: Ed. Nacional.
- CUNHA, Celso (1981). Gramática do português contemporâneo. 9. ed. Rio de Janeiro: Padrão.
- EPIPHANIO DA S. DIAS, A. (1959). Syntaxe historica portuguesa. 4. ed. Lisboa: Clássica/Porto: Imprensa Portuguesa.
- FULGÊNCIO, Lúcia (1983). O problema da interpretação dos elementos anafóricos. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, UFMG.
- GARCIA, Othon M.(1981). Comunicação em prosa moderna. 9. ed. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas.
- GIVÓN, Talmy (1983). Topic continuity in discourse - an introduction. In: T. Givón (ed) Topic continuity in discourse: a quantitative cross-language study. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company: 5-41.
- _____ (1984). Syntax: a functional-typological introduction, 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- GÓIS, Carlos (1955). Método de análise (léxica e lógica) ou sintaxe das relações: curso secundário. 20. ed. Rio de Janeiro : Francisco Alves/Paulo de Azevedo.
- HALLIDAY, M.A.K. & HASAN, Ruqaiya (1976). Cohesion in English . London: Longman.
- LEITE DE VASCONCELLOS, J. (1958). Lições de filologia portuguesa. 3. ed. Lisboa: Império.

- LIRA, Solange de A. (1982). Nominal, pronominal and zero subject in brazilian portuguese. Tese de Ph.D. University of Pennsylvania.
- LUFT, Celso P. (1981). Moderna gramática brasileira. 4. ed. Porto Alegre/Rio de Janeiro: Globo.
- MATTOSO CÂMARA JR., J.(1981). Dicionário de lingüística e gramática. 9. ed. Petrópolis: Vozes.
- MELO, Gladstone C. de(1968). Gramática fundamental da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- PONTES, Eunice (1981). Construções de tópico em língua escrita. Cadernos de lingüística e teoria da literatura, 5. Belo Horizonte, UFMG: 51-73.
- _____ (1982). Anacoluthon and 'double subject' sentences. Cadernos de lingüística e teoria da literatura, 7. Belo Horizonte, UFMG: 138-46.
- _____ (1986). Sujeito: da sintaxe ao discurso. São Paulo: Ática/Brasília: INL/Fundação Nacional Pró-Memória.
- REHFELD, Maria B. (1984). Para uma teoria do parágrafo. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, UFMG.
- ROCHA LIMA, Carlos H. da(1978). Gramática normativa da língua portuguesa. 19. ed. Rio de Janeiro: José Olympio.
- SAID ALI, Manuel (1969). Gramática secundária. São Paulo: Melhoramentos.
- VIEIRA, Marco A. R. (1987). L'ellipse — une étude textuelle chez des enfants brésiliens. Tese de Ph.D. Université de Montréal.

II - TEXTOS QUE CONSTITUEM O CORPUS

- 1 - A: Nota impertinente. Estado de Minas, 31/01/88, p.2.
- 2 - A: Mandato de cinco anos pode garantir I.R.trimetral.
Estado de Minas, 29/05/88, p. 26.
- 3 - A: O peso das boas intenções. Jornal do Brasil, 24/01/88,
p. 9, Cad. B.
- 4 - A: Direta em 89 favorece a esquerda. Jornal do Brasil ,
13/12/87, p. 14.
- 5 - A: Leão ignora I.R. retido na fonte. O Estado de São Paulo,
13/12/87, p. 64.
- 6 - A: Da servidão humana. O Estado de São Paulo, 05/06/88,
p. 7.
- 1 - D: Pesquisa revela perfil do menor. Estado de Minas,
22/05/88, p. 39.
- 2 - D: Pequena, luxuosa e cara. Diário da Tarde, 13/06/88, p.
21.
- 3 - D: Abandonados e esquecidos pelas próprias famílias. Diá-
rio da Tarde, 30/06/88, p. 8.
- 4 - D: Cara nova (e bela) no vôlei: Fernanda. Jornal do Bra-
sil, 17/04/88, p. 33.
- 5 - D: Os bilhões da corrida atrás dos votos. O Globo, 29/05/
88, p. 8.
- 6 - D: Irlanda. O Estado de São Paulo, 05/06/88, p. 40.
- 7 - D: Os mecanismos da corrente. O Estado de São Paulo. 13/
12/87, p. 60.

- 8 - D: Moçambique adota pragmatismo contra fome e guerrilha. Folha de São Paulo, 22/05/88, p. 17, 1 cad.
- 1 - N: Rapaz explica crime na favela do Cafezal. Diário da Tarde, 30/06/88, p. 23.
- 2 - N: Bombeiros resgatam operário soterrado. Diário da Tarde, 16/06/88, p. 22.
- 3 - N: 'Morto' apareceu na hora de seu enterro. Diário da Tarde, 08/06/88, p. 24.
- 4 - N: Caminhão desgovernado mata gari em Contagem. Diário da Tarde, 08/06/88, p. 22.
- 5 - N: L.R. apanha da mulher. Diário da Tarde, 30/06/88, p. 13.
- 6 - N: Final de Goio-Erê: um morto e um ferido. O Globo, 28/06/88, p. 7.
- 7 - N: Choque de trens em Paris mata 17. O Globo, 28/06/88, p. 13.
- 8 - N: Torcedor do Flu leva facada durante 'arrastão'. O Globo, 30/05/88, p. 4, cad. de esportes.
- 9 - N: Acusado de cobrar 'por fora' médico do INAMPS é preso em São Paulo. Folha de São Paulo, 28/06/88, p. 13.
- 10- N: Fogo no Playcenter destrói dois brinquedos. Folha de São Paulo, 28/06/88, p. A-11.
- 11- N: PF prende dois inspetores do Banco Central. Folha de São Paulo, 17/04/88, p. 23, 2 cad.
- 12- N: Presos mais três acusados no seqüestro de S.C. Folha de São Paulo, 17/04/88, p. A-22.